

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DANILE VISNIESKI

OS CRAVOS E A ROSA
CLUBE OPERÁRIO E GRÊMIO MAGNÓLIA - INTERDEPENDÊNCIAS E TENSÕES
NO INÍCIO DO SÉCULO XX EM PALMEIRA- PR

PONTA GROSSA
2014

DANILE VISNIESKI

OS CRAVOS E A ROSA

CLUBE OPERÁRIO E GRÊMIO MAGNÓLIA - INTERDEPENDÊNCIAS E TENSÕES
NO INÍCIO DO SÉCULO XX EM PALMEIRA- PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, para obtenção do título de Mestre em História (Área de concentração: História, Cultura & Identidades. Linha de Pesquisa: Instituições e Sujeitos: Saberes e Práticas).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Wosiack Zulian

PONTA GROSSA

2014

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Visnieski, Danile

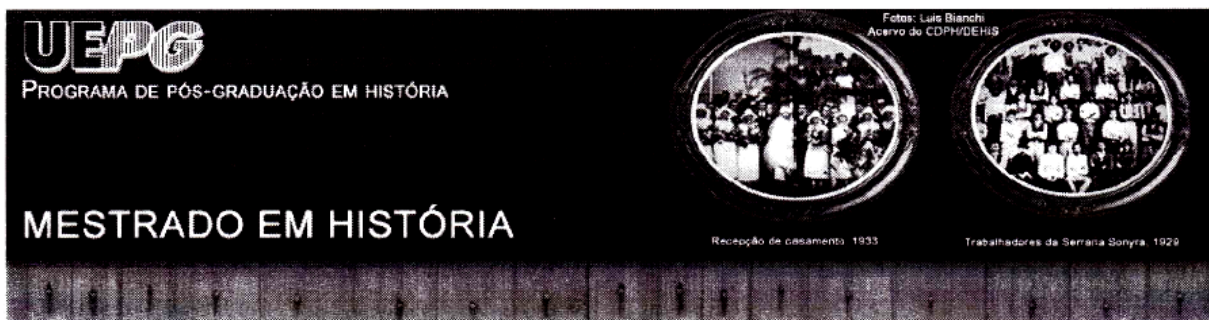
V785 Os Cravos e a rosa Clube Operário e
Grêmio Magnólia - interdependências e
tensões no início do século XX em
Palmeira- PR/ Danile Visnieski. Ponta
Grossa, 2014.
87f.

Dissertação (Mestrado em História,
cultura e identidades - Área de
Concentração: História, cultura e
identidades), Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosângela
Wosiack Zulian.

1.Clubes sociais. 2.Representações.
3.Relações de poder. 4.Estabelecidos e
outsiders. I.Zulian, Rosângela Wosiack.
II. Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Mestrado em História, cultura e
identidades. III. T.

CDD: 981.62



TERMO DE APROVAÇÃO

Danile Visnieski

OS CRAVOS E A ROSA

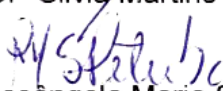
CLUBE OPERÁRIO E GRÊMIO MAGNÓLIA - INTERDEPENDÊNCIAS E TENSÕES NO
INÍCIO DO SÉCULO XX EM PALMEIRA- PR

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 12 de dezembro de 2014, pela seguinte banca examinadora:



Orientadora: Prof^a. Dr^a Rosângela Wosiack Zulian (UEPG)


Prof^a. Dr^a Silvia Martins de Souza (UEL)


Prof^a. Dr^a Rosângela Maria Silva Petuba (UEPG)

Ponta Grossa, 12 de dezembro de 2014.

À memória de Basílio de Sá Ribeiro.

AGRADECIMENTOS

À professora Rosângela Wosiack Zulian, por me conduzir desde meus primeiros passos acadêmicos, sempre com muita competência e paciência, acreditando e desenvolvendo meu potencial.

Ao professor Cláudio DeNipoti, que através de seu incentivo e auxílio tornou esse sonho possível.

À minha mãe, mulher que sempre me guiou e incentivou em todos os momentos de minha vida, acreditando mais em mim que eu mesma.

À minha família, sem a qual não haveria possibilidade de prosseguir, a estrutura que sustenta meus passos.

Aos amigos e a todos que auxiliaram para que esse trabalho pudesse ser realizado, em especial a Claudia Patrícia de Souza amiga-irmã que fez parte desse projeto desde seu início, incentivando e estando presente mesmo quando distante.

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha: — Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?— Deixe-me, senhora. — Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça. — Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros. — Mas você é orgulhosa. — Decerto que sou.— Mas por quê?— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu? [...] Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética.

(Machado de Assis – Um apólogo)

RESUMO

Pacata a pequena cidade de Palmeira, no interior do Paraná, permite a partir de um relato contido em uma carta, que suas disputas e tensões sejam expostas. A formação de uma associação mutual operária é muito mais que um espaço de auxílio ou de lazer após o trabalho, é um espaço de disputas políticas. Tensões e conflitos são evidenciados ao longo da baila de uma sociedade que se reconstrói a partir do início do século XX, com todas as mudanças imprimidas pelo período, as quais não passaram despercebidos para a elite local, que insiste em permanecer em seu papel dominante e nega-se a legitimar a representatividade dos novos sujeitos que passam a ocupar seus papéis no cenário político e social da pequena Palmeira.

PALAVRAS-CHAVE: clubes sociais, representações, relações de poder, estabelecidos e *outsiders*.

ABSTRACT

The quiet little town of Palmeira, in the interior of Paraná, allows through a letter that their disputes and tensions are exposed. The formation of a workers association represents more than a place of support and recreation after work, is a space of political disputes. Tensions and conflicts are evidenced throughout the dance of a society that is reconstructed from the early twentieth century, all printed by period changes have not gone unnoticed by the local elite, who insists on remaining in their dominant role and refuses to legitimize representativeness of the new individuals who come to occupy their roles in the political and social landscape of small Palmeira.

KEYWORDS: social clubs, representations, power relations, established and outsiders.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 – CAPÍTULO I: MAS AFINAL, QUEM ERAM OS “ANTIGOS BURGUESES”? ...	19
1.1 - A CIDADE: LUGAR DA CONSTRUÇÃO DE DIFERENÇAS.....	19
1.2- QUE COMEÇA O BAILE.....	21
1.3 – UMA NOVA MELODIA?	24
1.4 – NOVOS SUJEITOS ENTRAM NA BAILA.....	26
1.5 – UM NOVO ANDAMENTO: A MODERNIDADE	29
1.6 – CENÁRIO MONTADO PARA O SEGUNDO MOVIMENTO	34
2 - CAPÍTULO II: UM JOGO DE ESTRATÉGIAS CHAMADO MUTUALISMO	35
2.1 – MUTUALISMO	35
2.2 - PRIMEIRAS SOCIEDADES	38
2.3 – BENEFICENTE OPERÁRIO	39
2.4 - GRÊMIO MAGNÓLIA.....	43
2.5 - CLUBE PALMEIRENSE.....	43
2.6- A BAILA.....	47
3- CAPÍTULO III – VIDA DE UMA VALSA	52
3.1 - PASSO A PASSO – PARTE 1	53
3.3 – PASSO A PASSO – PARTE 2	59
3.4 – PASSO A PASSO- PARTE 3	68
CONCLUSÃO	71
FONTES	75
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS	79
ANEXO 1 - FOTOGRAFIA DA CONSTRUÇÃO DA SEDE DO CLUBE BENEFICENTE	79
ANEXO 2 – FOTOGRAFIA DO GRUPO JAZZ CONCÓRDIA.....	80
ANEXO 3 – CARTA: VIDA DE UMA VALSA “BENEFICENTE”	81

INTRODUÇÃO

Enquanto o telégrafo nos dava notícias tão graves (...), coisas que entram pelos olhos, eu apertei os meus para ver coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número, coisas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam.

(Machado de Assis, A Semana)

Machado de Assis nos fala sobre as vantagens da miopia, que seria “enxergar onde as grandes vistas não pegam”, e foi através desse olhar míope que esse trabalho se fez, através dele que um documento se sobressaiu, uma carta esquecida em um livro de memórias, carta que instigou a um olhar mais atento, que vai além do que se pode ver rapidamente, buscando as entrelinhas. Essa carta foi escrita para registrar o momento de criação de uma valsa que se tornou o hino de um clube operário¹. Através de suas páginas, Basílio de Sá Ribeiro (Basico), seu autor, deixa transparecer impressões de um momento especial para a história de Palmeira, cidade do interior do Paraná.

Embora a data específica em que a carta foi escrita não seja apresentada, certamente ela foi escrita anos depois do ocorrido. Não é direcionada a nenhuma pessoa em especial, apenas afirmando o autor escrevê-la para permitir que outras pessoas saibam detalhes sobre o nascimento do hino do clube:

E depois de muitos anos, isto é, quando a sociedade completou 25 anos de sua fundação, ressurgiu como que por encanto a Valsa Beneficente para recordar os velhos sócios já falecidos. (...) Se a história desta Valsa ficasse desconhecida, vocês não saberiam que foi fundada essa Sociedade, e com pressão, foi conquistado esse lugar.²

¹Fundado, por um imigrante, em 1910 o Clube Operário tinha por nome oficial, Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense, ou simplesmente Clube Beneficente, seu objetivo, segundo seu estatuto, seria o de “socorrer aos seus sócios em caso de moléstia ou morte e promover diversões úteis que estiverem no seu alcance”. Estatuto da Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense. In WANSOVICZ, Tereza. **Memórias de Palmeira**. Vol. 2. Palmeira: Prefeitura Municipal de Palmeira. Departamento de Educação, 1992. p. 428.

² Carta escrita por Basílio de Sá Ribeiro, intitulada: Vida de Uma Valsa “Beneficente”. In Wansovicz, Tereza. op. cit., p. 429.

Nosso recorte temporal está pautado pela carta, no entanto, como buscamos as relações sociais por ela elucidadas, compreendemos que se trata não apenas de um ano, mas de um processo que se estende por todo o início do século XX.

Nosso olhar míope nos encaminhou para essa fonte central, que embora seja a base dessa análise, não será a única. Para permitir um olhar mais profundo e uma compreensão mais ampla sobre as palavras do operário compositor, diferentes fontes foram buscadas, entre elas atas do clube ao qual ele pertencia, e de outros clubes da cidade, documentos oficiais que falam sobre a fundação da cidade, livros de memorialistas locais³, documentos sobre a vinda de imigrantes, censos, enfim, “lentes” que permitiram ampliar esse olhar, para assim compreender melhor o ponto observado.

Os silêncios, as “coincidências”, a relação entre dados que apenas é observável através da sensibilidade, dizem muito sobre o que queremos estudar, especialmente tendo em vista a ausência de fontes, para tanto, utilizaremos um método que busca os sinais, os indícios, que parte da sensibilidade na observação, de uma investigação minuciosa do detalhe. Garlo Ginzburg através do paradigma indiciário nos auxiliará nessa busca, afinal “Deus está no particular”.⁴

Revel em seu livro *Jogos de Escalas* nos lembra da importância de analisarmos as experiências dos atores sociais, e ao mencionar o poema *Perguntas de um trabalhador que lê* de Brecht, fala da história vista por baixo, mas mais que isso, atenta para a necessidade de reconhecer que uma realidade não é a mesma dependendo do nível de análise, da escala de observação. Compreendendo que um fenômeno maciço pode ser lido de formas muito diferentes de acordo com essa escala. Fazendo referência ao trabalho dos antropólogos, Revel fala sobre como o ato de coletar migalhas, de buscar retalhos de experiências permite o acesso a lógicas simbólicas que seriam as lógicas do grupo, ou de conjuntos maiores.

³ Destacamos entre os memorialistas locais, Teresa Wansovicz Mayer, professora de história no município de Palmeira, que no ano de 1992, incentivada pelo departamento de educação, publicou o livro *Memórias de Palmeira*. Dividido em dois volumes este livro apresenta a transcrição de vários documentos relativos a trajetória da cidade, desde seus inícios, abordando aspectos culturais, geográficos, políticos, históricos, apresentando além de atas e leis, reportagens de jornais, livros de outros memorialistas, cartas, entrevistas, compondo assim um material que auxiliará em muitos momentos nossa pesquisa. Inclusive a carta que será analisada ao longo deste trabalho foi encontrada entre suas páginas.

⁴ Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

Afirmando o autor que “essas vidas minúsculas também participam, a sua maneira, da ‘grande história’”.⁵

Giovanni Levi⁶ afirma que “a micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental.”⁷ E ainda que “o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados” numa abordagem tradicional.⁸ Assim, nosso personagem, operário, morador da zona rural da cidade de Palmeira, ao escrever essa carta, nos permite uma “janela” para interpretar a partir de seu olhar a grande imigração, a chegada da República, entre outros temas mais amplos.

Flávio M. Heinz em seu livro *Por outra história das elites*,⁹ nos convida a repensar a noção de elite, não como heroica ou centro de atividades excepcionais, mas como uma percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos. A prosopografia, ou método das biografias coletivas, como afirma Heinz, pode ser considerada um método que utiliza um enfoque de tipo sociológico em pesquisa histórica, buscando revelar as características comuns (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo social em dado período histórico. Este método iluminará nossa análise, compreendendo que não há um grupo sem o seu contraponto, ou em isolamento. Associaremos esse método a análise micro-histórica, visando repensar alguns dos grupos que formavam a sociedade de Palmeira no período.

Pensando em diferentes grupos que se formam de maneira relacional, apresentando-se um em oposição ao outro, observamos que a representação de mundo desses sujeitos passa a ser construída de maneira a comandar seus atos, a construir seu mundo, não podendo separar o real do imaginário, havendo sim, uma apreensão e significação do mundo a partir desse imaginário:

⁵ REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 13.

⁶ Em seu artigo *Sobre a Micro-história*, Levi reflete sobre o método da micro-história, enfatizando que apesar de ser uma prática historiográfica sem um corpo de ortodoxia estabelecida, ela possui diversos elementos comuns, e que é um método que busca uma descrição mais realista do comportamento humano, nos parecendo o método mais apropriado para a análise que se propõe esse trabalho.

⁷ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. IN: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 136.

⁸ Ibid p.139.

⁹ HEINZ, Flávio M. (Org.) **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis de suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais, etc. O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objeto dos conflitos sociais.¹⁰

Esse imaginário regularia a vida coletiva, sendo também construído a partir das relações entre os indivíduos, não surgindo como algo isolado, ou individual, mas como algo socialmente construído. A identidade também seria “cunhada” através da interação social, através de uma tensão entre o ser e o dever ser, entre práticas e discursos, sendo permanentemente reconstruída. Afirma-se a identidade ao negar-se o outro, mas ela também é construída na ligação com o outro. O discurso seria o mantenedor e o reprodutor da “realidade social”.¹¹ Assim, as representações feitas por esse sujeito revelam muito sobre toda a sociedade da qual ele faz parte, e não apenas de sua individualidade.

Como já afirmamos, não sabemos a data em que a carta foi escrita, se tratando de uma memória, recorreremos então a Halbwachs¹², para quem a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a transformações, mudanças constantes. A memória estaria diretamente relacionada à identidade social, pois todo processo de lembrança é construído socialmente. Conforme Michael Pollak¹³ a memória seria um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual, como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Cada vez que a memória está relativamente constituída ela efetuará um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, de organização. Há uma reorganização da memória do próprio grupo, ligando-se às identidades coletivas; que são os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo o

¹⁰ BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi. Vol.1. (Memória- História). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984. p.309.

¹¹ Ver BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas: **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**, trad. Floriano Fernandes, Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

¹² HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

¹³ POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. In: Revista estudos históricos, v. 5, n.10, 1992,

sentimento de unidade, de continuidade e de coerência. Esse é o exercício que pode ser percebido na narração de Basílio, que ao contar como era sua vida e a vida de seus colegas na pequena cidade em que morava, revela suas representações sobre os diferentes grupos que formavam essa cidade, bem como seu lugar naquele grupo.

A carta, nossa principal fonte, se divide em duas partes, marcadas pelo próprio autor. Na primeira, ele faz uma narração, majoritariamente em terceira pessoa, passando a ideia de neutralidade, distanciando-se dos acontecimentos, posicionando-se como narrador. Nesse momento são citados os nomes das pessoas que participam do clube operário, bem como daqueles que faziam parte da banda de música dos “Canelas Brancas”¹⁴ (ou dos alemães), que era tida como coirmã do clube. Também é relatada a organização de um “espetáculo teatral”, que deveria ocorrer em 15 de novembro, para celebrar a Proclamação da República.

No ano de 1919 na minha PALMEIRA, a diretoria da Sociedade Beneficente Palmeirense organizou um festival de teatro para ser levado a efeito no dia 15 de novembro (...), o grupo dramático que tinha como diretor o inolvidável mestre José Adriano de Freitas, tinha como amadores dramáticos Sebastião de Sá Ribeiro (Batuca), (...) e o mestre de música Basílio de Sá (Basico). (...) No dia 13 de novembro (...) os amadores do grupo dramático trabalhando até altas horas da noite para os preparativos do espetáculo que devia ser levado em cena no dia 15 de novembro, uns carpinteiros, pintores, pedreiros, e os cinografistas improvisados, a dar os últimos retoques no cenário, o mestre Basico, ensinando às meninas as músicas que estavam no programa.¹⁵

No segundo momento da carta, Basílio muda a forma narrativa, e passa a escrever em primeira pessoa. A partir de então o autor conta que enquanto ele e seus colegas de banda e clube organizavam a festa que aconteceria no dia 15, a presidente do Grêmio das Magnólias, teria mandado lhe chamar e pedido para que tocasse no mesmo dia, para uma festa que seria organizada por esse outro clube. E a partir desse momento, narra um diálogo conflituoso, afirmando que ele, Basílio, ao se negar a atender ao pedido da presidente, fora muito ofendido. Depois, o autor afirma ter passado horas conversando com seus colegas, e como morava em uma comunidade um pouco afastada da cidade, afirma que monta com dificuldade em

¹⁴ Nome dado em oposição à “Banda dos Canelas Pretas”, a qual era formada por pessoas de ascendência indígena que há gerações residiam na cidade. Entre essas duas bandas sempre houve rivalidade e competições. Normalmente onde uma se apresentava a outra não poderia fazê-lo.

¹⁵ Carta: Vida de Uma Valsa “Beneficente”. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p. 429.

seu cavalo e vai em direção a sua residência. Nesse momento, “cheio de mágoa”, Basílio começa a compor a música que ficaria conhecida como Hino do Clube Beneficente, a qual foi concluída no outro dia, durante seu trabalho como operário.

Nas palavras de Hobsbawm, há problemas que não podem ser estudados exceto em presença e em função de momentos de erupção, que trazem à luz muita coisa latente, concentrando e ampliando fenômenos.¹⁶ Através do conflito narrado por Basílio podemos observar como se organizava socialmente a cidade de Palmeira, em específico as relações entre elite e povo, transparecendo uma clara divisão, como pode ser observado na resposta da presidente do Grêmio Magnólia quando Basílio nega-se a atender seu pedido, questionando se ela gostaria que a banda as abandonasse na última hora, assim como ela pedia para Basílio fazer com os operários: “Mas... você não queira comparar o nosso Grêmio com aquela gente, aquilo lá ainda são selvagens (...)”,¹⁷ visão que ficará elucidada em vários outros momentos dessa narrativa.

É curioso observar que ao ser exposto a sua condição de operário e equiparado aos operários do clube Beneficente, Basílio afirma ficar ofendido: “Aquelas palavras, me feriram o coração. Um homem ser maltratado unicamente por querer cumprir com sua palavra.”¹⁸ Nesse momento ele e seu grupo são expostos a uma condição “marginal” a partir da visão da elite. E narrando sobre sua tristeza, Basílio evidencia sua posição naquela sociedade em oposição ao Grêmio Magnólia e aos “nobres” ou “antigos burgueses”. Com a formação do clube Operário e em um processo que culmina no momento em que Basílio é exposto a sua condição de operário “selvagem”, é que observamos certa ruptura com as estruturas tradicionais daquela sociedade. Ao firmar seu compromisso com os operários, Basílio demonstra que esse grupo possui coesão e que luta para ocupar seu espaço na luta de disputa por poder.

Se buscarmos o conceito de Thompson, podemos refletir sobre a identificação que ocorre entre os operários em oposição à elite, e como refletiremos no terceiro capítulo, apesar das relações econômicas não serem as únicas observadas nesse processo, compreendemos que elas fazem parte da formação desses diferentes grupos, afinal a classe surgiria a partir de relações humanas e da

¹⁶ HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p.101.

¹⁷ Carta: Vida de Uma Valsa “Beneficente”. In Wansovicz, Tereza. op. Cit., p 430.

¹⁸ Ibid. p.430.

luta de classes, em um processo do “fazer-se” de uma classe, quando um grupo partilharia não apenas a posição nas relações de produção, mas comportamentos, cultura (ideias, valores, tradições, instituições, etc.) e instituições, levando assim a formação de uma consciência de classe.¹⁹

Além de observar as diferenças entre elite e povo observaremos também as diferenças que se apresentam no interior da classe operária. Buscando o conceito de identidade de Stuart Hall que ao questionar se a identidade nacional seria capaz de unificar pessoas não importando quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, afirma que tal idéia está sujeita a dúvida: “Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural.”²⁰ No caso estudado, ser operário e participar de uma organização associativa que lhes dê representatividade de classe torna-se mais importante que ser brasileiro ou palmeirense. Podemos então observar a complexa trama que é formada por esses sujeitos que apresentam diferentes identidades, compreendendo a identidade não como fixa e imutável, mas como uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente.

Apesar da cultura nacional não ser um ponto de lealdade, observamos que a diferença de nacionalidade, embora tratada com cuidado e apresentada de maneira velada, não deixou de ser percebida. Para pensar tal relação os conceitos de Estabelecidos e Outsiders de Elias e Scotson²¹ serão pensados. Ao analisarem uma pequena cidade inglesa, os autores observam a formação de dois diferentes grupos, os quais, não apresentavam diferenças econômicas, sendo suas diferenças pautadas no tempo de permanência na cidade. Estabelecidos seriam os detentores da tradição local, que viviam há gerações na cidade e que viam os recém chegados,

¹⁹ Ver THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v.1

²⁰ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000. p.59.

²¹ Ao estudar a organização de uma pequena cidade operária da Inglaterra chamada de maneira fictícia de Wiston Parva, Norbert Elias e John L. Scotson acreditam estar diante de um tema humano universal em miniatura. Para os autores, em Wiston Parva ficava clara a separação entre dois grupos distintos, um formado pelas pessoas que residiam na comunidade há mais tempo - famílias tradicionais que já estavam há aproximadamente três gerações na localidade - e o outro formado por indivíduos recém-chegados. As pessoas que residiam há mais tempo na localidade se achavam superiores aos outros que, para eles, eram “os de fora”. Os *estabelecidos*, ou seja, aqueles que estavam há mais tempo na cidade, se achavam os guardiões do bom gosto, das boas maneiras, seu direito seria baseado em um princípio de antiguidade, em oposição aos *outsiders* ou “os de fora”, os recém- chegados na cidade. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000.

chamados de outsiders, como uma ameaça à ordem imposta. A análise dos autores segue perpassando as disputas de poder e a maneira de preservá-lo além das interdependências que ocorrem no interior dessa sociedade. Compreendemos então, dentro da classe operária, que os antigos moradores, descendentes de portugueses que já moravam há gerações na cidade se compreendiam enquanto estabelecidos²², já aqueles que haviam chegado com a imigração, vindos de diferentes países, embora pudessem fazer parte de uma mesma classe social, ainda eram vistos como outsiders. Essa diferença é apresentada de maneira sutil e velada, já que o grupo que se compreende enquanto estabelecido (antigos moradores da cidade, como o autor da carta Basílio), ainda não possui posição de poder bem marcada, pois, “um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído”²³, e nesse caso não há posições bem marcadas, necessitando o grupo estabelecido, se unir ao grupo de *outsiders*, para conseguir através do clube, uma maior representatividade, levando assim a formação de uma consciência de classe, o que poderia levar à reconfiguração das posições de poder dentro da sociedade local, ou no mínimo ao enfrentamento (a luta de classes).

Por fim, gostaríamos de lembrar Thompson, em seu livro *A miséria da teoria*, em que o autor tece severa crítica ao “estruturalismo marxista” ao afirmar que ao adotar tal postura estruturalista o historiador deixaria de observar de fato e passaria a “encaixar” a realidade em uma teoria pronta, em um modelo acabado, simplificando aquela experiência e perdendo a singularidade daquele momento. O sujeito seria reduzido à teoria.

Ao recusar a investigação empírica, a mente está para sempre confinada aos limites da mente. Não pode caminhar do lado de fora. É imobilizada pela câibra teórica e a dor só é suportável se não movimentar seus membros.²⁴

Ao falar sobre cultura, em seu livro *Marxismo e Literatura*²⁵ Willians afirma que os conceitos dos quais partimos, não seriam conceitos, mas problemas. Nos

²² Nas palavras de Basílio Palmeirenses e Palmeiristas, referindo-se respectivamente a antigos moradores da cidade, assim como ele, e aos imigrantes, o que investigaremos com maior atenção no terceiro capítulo.

²³ ELIAS, Norbert. SCOTSON, John. op. Cit., p 23.

²⁴ THOMPSON, E.P.(1981). **A miséria da teoria ou um planetário de erros** (uma crítica ao pensamento de Althusser). Trad. de W. Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores. p.185.

²⁵ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

restaria recuperar a substância de que suas formas foram separadas, tendo ciência de que as modificações que ocorrem com os conceitos partem da experiência. E é diante de tais reflexões que pretendemos construir o presente trabalho, analisando as fontes, percebendo as peculiaridades, partindo dos detalhes, do não dito, da experiência, para que assim possamos chegar o mais próximo do que *foi*, apesar de saber que o que se passou nos é inacessível em sua totalidade.

Para desenvolver nosso trabalho, dividiremos sua estrutura em três capítulos. No primeiro, com o intuito de compreender como a construção da sociedade palmeirense ocorreu, possibilitando assim o desenvolvimento dos diferentes grupos e classes sociais, faremos uma análise sobre a formação da cidade, de sua população e do núcleo urbano. Ao compreender tal processo, acreditamos que será possível um olhar mais aprofundado sobre os processos estudados nos capítulos seguintes, de como e porque um grupo se entende como *estabelecido*, por exemplo. Compreendendo que o processo que será estudado ao longo deste trabalho começa a se formar juntamente com a cidade, a partir da chegada dos primeiros moradores, e posteriormente com a chegada dos imigrantes, que levam a uma reconfiguração dos espaços sociais. Tal análise permitirá uma visão geral da cidade, que se apresenta como espaço de sociabilidades e de construção de identidades.

O segundo capítulo versará sobre cultura e sociabilidades, reconstruindo um panorama dos lugares de sociabilidades da cidade. Os clubes se apresentam enquanto espaços onde os sujeitos convivem e se relacionam, onde trocas culturais ocorrem e onde as relações de poder são forjadas e atuam. Focaremos em especial nos principais grupos pensados neste trabalho: o Clube Beneficente, o Grêmio das Magnólias e o Clube Palmeirense que são o palco do desentendimento narrado na carta.

No terceiro capítulo, a partir da análise da carta de Basílio, estudaremos a representação construída por ele sobre a sociedade em que vivia, bem como os conflitos e tensões vividos por aqueles que disputavam os espaços de poder naquela sociedade. Inicialmente a partir de uma visão de classe, passando a pensar essas relações a partir dos conceitos de Elias, percebendo a complexidade e a dinâmica que perpassa todo o processo de tomada de consciência desse grupo de operários, bem como a formação e entrelaçamento dos diferentes grupos que se relacionam dentro do clube e na sociedade palmeirense do início do século XX.

Através de sua narrativa, Basílio permite transparecer as oposições que vão se elucidando entre operários e elite, as representações que um grupo tece sobre outro, ou seja, percebemos a formação de grupos de forma relacional, em oposição ao outro. Neste capítulo também pensaremos as oposições que surgem no interior da classe operária, presentes em conceitos como *palmeirenses* para aqueles nascidos em Palmeira e *palmeiristas* aos imigrantes, usados pelo autor em sua carta.

1 – CAPÍTULO I: MAS AFINAL, QUEM ERAM OS “ANTIGOS BURGUESES”?

Deus é o único poder superior que nos dá vida, saúde e inteligência para aprendermos a fazer tudo o que é bom para o mundo, também nos dá direito de viver igual a todos, mas para isso sempre nosso lema deve ser união, respeito e trabalho. Com essa Harmonia temos o exemplo de nossa sociedade, que embora sofresse grande inveja e pressão dos antigos burgueses, venceu, e ali está para o orgulho e esperança do Operário de Palmeira.

(Basílio de Sá Ribeiro)

Basílio sente a necessidade de expressar a ideia de que nenhum ser humano é superior a outro, e apresentando a expressão “antigos burgueses”, demonstra compreender que de alguma forma estes atuaram para que o clube dos operários tivesse dificuldades em se estabelecer. Se há a necessidade de ressaltar que apenas Deus é superior, fica implícito que ele refere-se a uma hierarquia conhecida naquela sociedade, que é negada nesse momento. Mas que hierarquia é essa? A expressão “antigos burgueses” fala de um grupo específico, mas quem seriam eles? Como essas diferenças sociais são construídas na sociedade palmeirense?

No capítulo que segue, através de um passeio rápido pela formação da cidade, observamos a trajetória daqueles que desde o início da cidade de Palmeira ocuparam os cargos de poder, pautados em uma hereditariedade que remete à tradição fundiária, bem como a chegada de novos sujeitos, que passam a integrar os diferentes grupos. Nosso intuito não é o de nos aprofundar em nenhuma análise específica sobre os diversos temas abordados, ao menos nesse primeiro momento, mas sim permitir ao leitor perceber a formação das diferenças, de por que Basílio, autor da carta, sentia a necessidade de negar uma hierarquia por ele conhecida, para afirmar sua identidade de operário, lutando para conquistar, através do clube Beneficente, seu espaço político nessa sociedade.

1.1 - A CIDADE: LUGAR DA CONSTRUÇÃO DE DIFERENÇAS

Para Bourdieu o espaço social seria um campo, tanto de forças, quanto de lutas, no qual os agentes envolvidos se enfrentam com meios e fins diferenciados

conforme sua posição nesse campo, contribuindo para a conservação ou transformação da estrutura.²⁶ O campo seria um universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. O campo seria um microcosmo dotado de suas leis próprias, no entanto ele não escapa às imposições do macrocosmo, apenas dispõe de certa autonomia com relação a ele.

(...) todas as sociedades se apresentam como espaços sociais, isto é estruturas de diferenças que não podemos compreender verdadeiramente a não ser construindo o princípio gerador que funda essas diferenças na objetividade. Esse princípio é o da estrutura da distribuição das formas de poder ou dos tipos de capital eficientes no universo social considerado – e que variam, portanto, de acordo com o lugar e os momentos.²⁷

Quando falamos em *lugar*, nos parece pertinente recorrer a Certeau, para quem *lugar* é um espaço físico, social e cultural, um espaço de relações de poder, constituído por redes que são tramadas em tempos e espaços específicos²⁸.

Nessa perspectiva compreendemos a cidade de Palmeira enquanto um espaço de “relações de força”, construído através das relações entre os sujeitos que dividem e interagem em seus espaços. Buscaremos assim a formação da cidade, com o intuito de compreender como se fundam as diferenças, as quais levaram a organização da cidade enquanto um *lugar* e um *campo* que constrói e é construído através de relações sociais.

Compreendendo o *campo* enquanto uma estrutura e o *lugar* enquanto “posição” que cada um ocupa nessa estrutura - que indica como este será aceito ou visto dentro do campo, qual o poder de sua fala – buscamos o conceito de configuração de Elias para refletir sobre os movimentos que ocorrem dentro dessa estrutura, em que os sujeitos mudam de posição, de *lugar*, levando a novas configurações, em um movimento constante:

A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexo do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. (...) não é particularmente frutífero conceber os homens à imagem do homem individual. Muito mais apropriado será conjecturar a imagem de numerosas

²⁶ BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

²⁷ Ibid. pp. 48- 50.

²⁸ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 57.

peças interdependentes formando configurações (isto é, grupos ou sociedades de tipos diferentes) entre si.²⁹

Para Elias, um bom exemplo que pode explicar o conceito de configuração, seriam as danças de salão. Nelas, temos a imagem de configurações móveis de pessoas interdependentes na pista de dança.

As mesmas configurações podem certamente ser dançadas por diferentes pessoas, mas, sem uma pluralidade de indivíduos reciprocamente orientados e dependentes, não há dança.³⁰

Assim observaremos ao longo da formação da cidade de Palmeira o “início do baile” e a chegada de “novos bailarinos”, os quais passam a fazer parte da “dança”, ora respeitando os passos já estabelecidos, ora impondo um novo andamento.

1.2- QUE COMECE O BAILE

Até por volta do século XVII esta região estava parcamente povoada, havendo a presença indígena e de alguns viajantes que de Curitiba se dirigiam a São Paulo. O Rincão dos Buracos, que mais tarde daria origem a Palmeira, surgia a partir do Caminho das Tropas, servindo seus campos para descanso e engorda do gado que se dirigia às feiras de São Paulo para depois ser enviado a Minas Gerais. A transferência da freguesia de Tamanduá - hoje município de Balsa Nova - para uma porção de terras escolhida pelo padre Antonio Duarte dos Passos, na fazenda Palmeira foi o marco inicial de nascimento do povoado.

Manoel José de Araújo convidou o cura da pequena capela, o padre Antônio Duarte dos Passos, a fim de que escolhesse um lugar, nos campos de sua propriedade, para a edificação da nova Freguesia.³¹

Os fatores que teriam motivado a transferência de freguesia seriam a mudança do Caminho das Tropas, que a partir de 1800 teria sido desviado, passando pelo Rincão dos Buracos, um desentendimento entre o vigário Antônio

²⁹ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Vol. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994. p.249.

³⁰ Ibid. p.250.

³¹ MOREIRA, Julio Estrella. **Freguesia da Palmeira**. Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico de Palmeira. Curitiba, 1975.

Duarte dos Passos e os carmelitas que tomavam conta da capela de Tamanduá e a situação geográfica que tornava difícil o acesso da população a missa durante o período de chuvas. Em 12 de agosto de 1818 padre Antônio teria mudado de residência, bem como escolhido o território em que seria erigida a nova Matriz.

Esta fazenda, que mais tarde emprestaria seu nome à cidade, teria sido recebida como sesmaria, seus proprietários ficariam conhecidos como fundadores da cidade, Dona Anna Maria da Conceição de Sá e seu esposo Manuel José de Araújo. Ele, ao doar o terreno para a construção de uma capela, lançava as bases de uma nova cidade, marcada pela forte religiosidade e pelo poder daqueles que possuíam grandes porções de terra. Na carta de doação consta que a mesma fora feita de livre vontade, mas com a condição de que a família do doador teria preferência para construir sua casa no lugar que escolhessem, no entorno da nova igreja.³²

A capela seria construída sob a invocação de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, e a imagem que ocuparia seu altar foi trazida de Tamanduá³³. A data desta doação ficaria conhecida como a de fundação da cidade, 07 de abril de 1819³⁴. Palmeira nascia graças às mãos de um grande fazendeiro, que ao doar as terras para a construção de uma capela, tornava-se o centro do poder dessa nova localidade.

Lentamente em torno da capela ergueram-se diversas casas, no ano de 1820, Saint'Hilaire que pernoitou na freguesia afirmou que havia cerca de 12 a 15 casas.³⁵ Havia grandes fazendas na região e os primeiros a ocupá-las teriam sido os descendentes dos povoadores da Real Expedição de Conquista e Povoamento dos Campos de Guarapuava, os quais acabaram por possuir terras nessa região tornando-se figuras de destaque político, como é o caso dos fundadores da cidade e de Teodoro Ferreira Maciel, cujo filho Pedro Ferreira Maciel foi importante político local e regional.

Essas fazendas eram voltadas à criação de gado, ao descanso e engorda das tropas que seguiam a Sorocaba para as feiras de gado, eram muitos os que passavam pelas terras palmeirenses, e nelas encontravam descanso e se

³² Livro Tombo nº 1. Igreja Matriz de Palmeira. Ata de doação de terras.

³³ Freitas, Astrogildo de. **Palmeira. Reminiscências e Tradições**. Lítero- técnica, Curitiba, 1984.

³⁴ Doação de terrenos para a instalação da Freguesia de Palmeira. In: WANSOVICZ, Tereza. op. Cit., p. 81

³⁵ SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pela Comarca de Curitiba**. Curitiba, Fundação Cultural, 1995.

recompunham para seguir sua longa viagem. Alguns destes decidiram por fixar-se, como é o caso de Joaquim Antonio da Cruz Bastos, que em meados do século XIX teria deixado Coimbra, em Portugal e após residir por pouco tempo em São José dos Pinhais, passou a morar em Palmeira, adquirindo terras e formando família.³⁶ Cruz Bastos acabou por se tornar importante figura na vida política da futura cidade. Mas nem todos os tropeiros tinham tanto prestígio, nem todos eram livres, e embora não tenhamos dados para quantificar suas origens, sabemos que houve a presença escrava nesta atividade.³⁷

Utilizada não apenas no tropeirismo, a escravidão era mão de obra nas fazendas palmeirenses, cada fazenda possuía seus cativos, os quais não eram em grande número, pois essas fazendas eram voltadas a pecuária, a invernagem e a agricultura de subsistência, atividades que não necessitam de grande mão de obra, diferentemente, por exemplo, das lavouras de café.

Em 1850 a cidade de Palmeira possuía 1818 habitantes, dos quais 1028 eram brancos, 427 pardos, 363 negros e entre estes 269 eram escravos. Observando os dados podemos concluir que a cada 100 habitantes, 15 eram escravos. Também podemos notar que Palmeira tem um número menor de habitantes que as cidades circundantes. Ponta Grossa, no mesmo período, contava com 3033 habitantes, enquanto Curitiba possuía 6791³⁸.

A hereditariedade era uma marca desta sociedade, que reivindicava a tradição de suas famílias para justificar o poder que possuíam. Títulos como coronel, major, tenente eram utilizados, estes advindos da Guarda Nacional.³⁹ Palmeira lentamente recebia novos moradores e carregava na tradição fundiária as bases da legitimidade daqueles que reivindicavam o poder.

³⁶ KLAS, Arthur Orlando. **Recordar é Viver**: Fragmentos da História de Palmeira, Palmeira: 2000. p.133.

³⁷ Ver WISSENBAACH, Maria Cristina Cortez. **Sonhos Africanos, Vivências Ladinhas**. Escravos e Forros em São Paulo (1850-1880). São Paulo: Hucitec, 1998.

³⁸ PEREIRA, M. R. M. **Semeando iras rumo ao progresso**. Curitiba : Editora da UFPR, 1996. p.59. Tabela elaborada a partir de dados obtidos em PARANÁ. Relatório do Presidente Zacarias de Góes e Vasconcelos.

³⁹ Criada logo após a Independência com o intuito de defender a Constituição, prevenir revoltas e promover o policiamento regional e local, a Guarda Nacional era formada pelos habitantes livres, os quais eram integrados nos diferentes escalões. O posto mais elevado era o de Coronel, seguido por major, capitão e assim sucessivamente. A guarda Nacional refletia a estrutura socioeconômica da sociedade brasileira e apesar de extinta após a Proclamação da República, os títulos permaneceram, bem como o poder daqueles que os ostentavam.

1.3 – UMA NOVA MELODIA?

Por volta de 1870 o Caminho das Tropas começa a entrar em declínio, lentamente a erva-mate passa a ser o centro das atividades comerciais na região, no mesmo ano Palmeira é elevada à categoria de Vila; na solenidade de instalação, faziam-se presentes nomes conhecidos por aquela sociedade, entre eles Pedro Ferreira Maciel, José Joaquim de Araujo, João de Araujo França, Joaquim Antonio da Cruz Bastos e aquele que seria o presidente da nova Câmara Municipal, Padre José Antônio Camargo de Araújo (Padre Camargo).⁴⁰ Se observarmos seus nomes e sobrenomes fica clara a presença de vários descendentes do fundador da cidade, como é o caso do padre, neto do fundador, bem como podemos observar a rápida aceitação de Cruz Bastos, tropeiro que de origem portuguesa logo passa a fazer parte da elite política local.

Entre os funcionários da nova Câmara são convidados alguns nomes que aparentemente tinham menor representatividade social naquele momento⁴¹, como é o caso de João José Barlintes (secretário), João Doarte Barbosa (porteiro), Manoel Pires de Araujo Vida⁴² (Procurador), Manoel Francisco dos Santos (fiscal), Felicissimo Antonio das Chagas Perpetuo (arruador), Manoel Christino dos Santos (aferidor).⁴³

Alguns vereadores por residirem fora da sede, eram convidados a pernoitar na vila para participar de reuniões marcadas para a manhã seguinte, visando solucionar as diversas questões que a jovem legislatura agora enfrentava. Entre as primeiras decisões estavam a nomeação de ruas, (nomes escolhidos entre figuras locais e datas relativas ao Império), a remoção de entulhos e a recuperação de algumas vias da cidade⁴⁴.

⁴⁰ Ata da Primeira sessão da Câmara Municipal da Vila de Palmeira. Manuscrito, Câmara Municipal de Palmeira, 15/02/1870.

⁴¹ Na ata da Primeira sessão da Câmara, cada nome indicado, seja como fiscal ou porteiro, o foi por um dos vereadores, formando uma espécie de “apadrinhamento”, se esses sujeitos não eram tão representativos a ponto de ocuparem o cargo de vereador, eram de alguma forma ligados àqueles que possuíam tais cargos.

⁴² Manoel Pires de Araujo Vida, farmacêutico, originário de São Paulo, mais tarde seria o maestro de uma banda intitulada Canelas Pretas, assunto que trataremos no próximo capítulo. Era chamado “bugre”, por possuir ascendência indígena.

⁴³ Com o apelido de mestre Manequinho, mais tarde viria a ser maestro do coro da Matriz e incentivador das bandas locais.

⁴⁴ Ata da Primeira sessão da Câmara Municipal da Vila de Palmeira. Manuscrito, Câmara Municipal de Palmeira, 15/02/1870.

No mesmo ano que Palmeira se torna vila, Pedro Ferreira Maciel via nascer o filho que seria seu grande herdeiro, tanto em posses quanto na política; nascia em 22 de outubro de 1870, Ottoni Ferreira Maciel. Ottoni passou a sua infância e juventude em Papagaios Novos, comunidade formada nas terras de seu pai e que viria a ser distrito de Palmeira.

No ano em que Ottoni faria dez anos o Imperador D. Pedro II passava pela cidade de Palmeira. Para recebê-lo foram mobilizadas todas as atenções do município, criando-se inclusive uma comissão que ficaria encarregada de recepcionar o imperador e sua comitiva quando em terras palmeirenses. Um dos responsáveis pelos preparativos seria Jesuíno Marcondes, neto do fundador de Palmeira por parte de mãe, filho dos Barões do Tibagi. Marcondes, como teria sido chamado pelo Imperador, completara seus estudos na Europa, ocupando diversos cargos políticos na província, e o cargo de Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio do Império. Além de Jesuíno Marcondes, outras figuras locais participaram da comitiva, como é o caso de Pedro Ferreira Maciel, Pe. José Antonio Camargo de Araújo, Joaquim Antonio de Bastos Cruz entre outros.

A comitiva imperial que se dirigia a Palmeira teria partido de Campo Largo em 24 de maio de 1880, ao longo do caminho o imperador teria feito paradas para observar pontes e algumas comunidades formadas de imigrantes. Quando já se aproximavam da vila de Palmeira, a aproximadamente três quilômetros do povoado, cerca de 400 cavaleiros teriam se juntado ao grupo, compondo uma guarda que escoltaria a comitiva até o centro da vila, onde todos os habitantes estariam esperando, bem como a banda de música local, regida por Manoel Cristino dos Santos. O imperador, e toda a comitiva teriam sido recebidos e acomodados nas casas de alguns dos cidadãos mais abastados.⁴⁵

Segundo os relatos da viagem duas das muitas coisas questionadas pelo imperador, faziam referência a situação dos imigrantes que teriam se fixado em Palmeira e a situação do ensino na vila⁴⁶, Questões que abordaremos no tópico a seguir.

A forma honrosa e a pompa para receber o imperador denotam a importância dada a sua figura. Afinal em uma cidade com o porte de Palmeira, 400 cavaleiros são um número muito significativo, as casas selecionadas para abrigar os

⁴⁵ Visita de D. Pedro II a Palmeira. In: Wansovicz, Tereza. op. Cit., p.529.

⁴⁶ Ibid. p.524.

integrantes da comitiva imperial teriam sido cuidadosamente escolhidas, bem como os membros da comissão que organizou a recepção.

1.4 – NOVOS SUJEITOS ENTRAM NA BAILA

Os primeiros imigrantes teriam chegado em 1878, eram alemães do Volga e teriam se fixado na Colônia Sinimbu, que dividida em seis núcleos recebera aproximadamente 770 pessoas. Essa primeira tentativa de colonização não teria sido bem sucedida, pouco depois da fixação dos colonos, mais da metade havia abandonado as terras que recebera e reimigrado⁴⁷. O saldo dessa primeira leva de imigração foi relatado como um fracasso, afirmando o Presidente da Província que esses imigrantes eram “muito ignorantes, teimosos, indolentes, invejosos e apesar de muito religiosos, fartos do sentimento de verdadeira caridade”.⁴⁸ O apontado “fracasso” dessa tentativa de fixar imigrantes na região de Palmeira - os quais tiveram grande dificuldade em se adaptar e dos quais muitos optaram por buscar outras terras, abandonando a colônia Sinimbu - certamente influenciaria a visão, daqueles que já residiam na cidade, sobre o imigrante, os quais provavelmente concordaram com as palavras do presidente da província.

Quanto a educação - outro ponto que recebeu atenção do imperador - ressaltamos que até esse período não havia um prédio direcionado para tal fim, a educação das crianças acontecia em uma das laterais da igreja, na chamada “escola dos padres”, a outra lateral era utilizada como Câmara Municipal. Podemos então perceber a importância central da igreja para essa sociedade, afinal, nela eram centralizadas a escola e as decisões políticas locais.

Observando as condições precárias em que a educação infantil ocorria, o imperador teria doado certa quantia (trezentos mil réis), para incentivar a construção de um prédio destinado aos ensinos primários na vila, fato que só se concretizaria bem mais tarde, em 1906.

Nem todos tinham acesso a educação, no entanto entre as famílias abastadas criou-se o hábito de enviar os filhos para estudar na capital Curitiba, no

⁴⁷ FREITAS, Astrogildo de. **Palmeira. Reminiscências e Tradições**. Lítero- técnica, Curitiba, 1984.

⁴⁸ PARANÁ, **Relatórios dos Presidentes da Província do Paraná**. Curitiba: Arquivo Público do Estado do Paraná, 09/04/1878.

Rio de Janeiro ou em São Paulo⁴⁹. Seguindo o costume do período, Pedro Ferreira Maciel teria enviado seu filho Ottoni para estudar em Curitiba, no colégio Parthenon, colégio de renome, dirigido pelo professor Laurentino de Azambuja. Lá Ottoni teria concluído seus estudos primários, sendo preparado para ingressar no curso de direito (o qual nunca chegaria a concluir, o que não lhe impediu de advogar em Palmeira). Certamente a confiança de que uma emergência seria rapidamente informada através do telégrafo - o qual Palmeira contava desde 1882⁵⁰ - tranquilizava Pedro Ferreira com relação a distância do jovem filho.

Com uma realidade muito diferente da de Ottoni, em 02 de outubro de 1888 nasceu, na mesma localidade, um menino que não teve as mesmas oportunidades de estudo e futuro de seu vizinho. Basílio de Sá Ribeiro, filho de Sebastião de Sá Ribeiro e Hercília Machado de Sá Ribeiro,⁵¹ ao nascer encontra uma sociedade tradicional e, apesar de estar entre os trabalhadores mais pobres, entre os que não possuem um “berço”, sua família orgulha-se de seu sobrenome de origem portuguesa, o qual os distingue dos pobres imigrantes que agora passavam a viver na mesma povoação que eles. No ano de seu nascimento a Lei Áurea é promulgada, chegando ao fim a escravidão, que embora tenha oficialmente acabado, estende-se por muito tempo em hábitos e representações de mundo.

Sobre Basílio sabemos pouco, a ausência de fontes falam de sua pobreza, seus pais não ostentavam títulos ou terras como alguns dos nomes já mencionados até aqui, mas sobreviviam de seu árduo trabalho, e assim ele foi criado.

Além do fim da escravidão e do nascimento de Basílio, o ano de 1888 foi marcado por mais um importante acontecimento para a vila de Palmeira, que recebia uma grande leva de imigrantes poloneses que se instalaram em colônias próximas ao núcleo do povoado, em colônias que receberam o nome de Santa Bárbara, Santa Galo, Santa Quitéria, Colônia Maciel e Água Clara, todas marcadas pela forte religiosidade católica e o respeito às tradições e língua polonesa⁵².

Vizinha a comunidade de Santa Bárbara, em abril de 1890 era fundada mais uma colônia de imigrantes, desta vez italianos e com algumas peculiaridades, pois

⁴⁹ Ver NEVES, Fátima Maria. Educação e Instrução na Província do Paraná. In: GONDRA J. & SCHNEIDER O. (Org). **Educação e Instrução nas Províncias e na Corte Imperial**. Vitória: EDUFES.

⁵⁰ Correios e Telégrafos. In: WANSOVICZ, Tereza. op. Cit., p. 560.

⁵¹ Vultos Eméritos. In: WANSOVICZ, Tereza. op. Cit., p. 155.

⁵² Colonização. In: WANSOVICZ, Tereza. op. Cit., p.143.

se tratava de uma experiência anarquista. Recebendo o nome de Colônia Cecília,⁵³ professavam ideais do anarquismo, negando propriedade, autoridade e religião.

Ao fundar uma colônia em terras palmeirenses, Giovanni Rossi fez diversas observações sobre o território e população da pequena vila. Nesse momento a vila de Palmeira contava com 10.925 habitantes, dos quais 815 eram estrangeiros, Curitiba, no mesmo período, contava com 25.754, somando o Paraná um total de 263.310 habitantes.⁵⁴

Quando os italianos anarquistas chegaram a Palmeira encontraram, segundo Giovanni Rossi - o idealizador da comunidade anarquista - um pequeno povoado composto de uma:

Ampla praça retangular, limitada por altas palmeiras, no meio da qual surge a igreja e, em torno, simpáticas e limpas casinhas; poucas ruas constituem a jovem cidadezinha. Existe um hotel, um bilhar, um clube literário, uma sociedade de teatro amador, uma fábrica a vapor para a preparação da erva mate, e diversas casas comerciais.⁵⁵

Em seus estudos sobre Palmeira, Rossi fala sobre a vegetação, os animais, o cultivo da terra, além das outras colônias de imigrantes que encontrou na cidade, afirma que a chamada Colônia Francesa, com apenas quatro ou cinco casas, é a mais “simpática e civilizada” dos arredores de Palmeira. Fala da colonização de alemães do Volga, em Santa Quitéria, a qual possuía 12 anos naquele momento, contando com cerca de trinta casas de madeira, uma igrejinha e nenhuma escola, cultivando centeio e criando gado. Afirma Rossi que “preferem ser carroceiros e deixar suas mulheres no trabalho”. Conta que nos momentos iniciais a colônia recebeu muita ajuda dos vizinhos, os quais foram muito receptivos, e cita em especial o médico italiano que residia em Palmeira há algum tempo, o Dr. José Franco Grillo (que mais tarde, em 1901 seria prefeito da cidade), o qual acompanhou de perto o início da comunidade, inclusive auxiliando-a financeiramente.⁵⁶

A experiência anarquista não teve uma longa duração, se extinguindo em 1894. De maneira geral, devido a diferença de concepções, os anarquistas não foram muito bem vistos pela comunidade local, representação que pode ser

⁵³ Ver: MUELLER, Helena I. **Flores aos rebeldes que falharam**. Giovanni Rossi e a utopia anarquista: Colônia Cecília. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

⁵⁴ MELLO NETO, Candido de. **O anarquismo experimental de Giovanni Rossi**. Ponta Grossa: UEPG, 1996. p.122.

⁵⁵ Tradução de relato de viagem de Giovanni Rossi in: MELLO NETO, Candido de. Op. cit., p.122.

⁵⁶ Ibid. p.124.

percebida em algumas publicações, como no jornal *A República* de Curitiba, que data de 1º de julho de 1894:

(...) por um desgraçado anarquista italiano, uma seita perigosíssima e nefasta, com repetidos crimes, envergonha o século e a sua civilização(...) seita sinistra e criminosa, fecunda nas fezes do proletariado.⁵⁷

Muitos dos anarquistas ao abandonar a comunidade buscaram outras regiões para viver, no entanto vários deles decidiram por residir em Palmeira, optando pelo apagamento da experiência anarquista. Sobrenomes como Agottani, Artusi, Dusi, Baroni, Zanetti passaram a fazer parte do dia-a-dia da cidade.

A pequena vila vai crescendo, absorvendo a população que chegava, vendo suas bases e estruturas estremecidas pelos novos moradores, pelos seus hábitos e costumes diferentes, pelas novas religiões que agora passam a ser professadas, pela dificuldade de comunicação daqueles que ainda não dominavam o português. E apenas nove anos após a visita do Imperador a Palmeira, em 1889, o Brasil deixava de ser Império e passava ao regime republicano, e apesar de oficialmente essa ser uma grande mudança, em Palmeira as mesmas figuras permanecem no poder, o que não altera de forma impactante o dia a dia da vila.

1.5 – UM NOVO ANDAMENTO: A MODERNIDADE

Em 1893 a ferrovia chegava a Palmeira, a linha que cortava a cidade ligava Ponta Grossa a Curitiba. As viagens que anteriormente levavam dias em lombo de cavalo, ou em carroças, agora eram feitas em horas e com mais conforto. Passavam quatro trens de passageiros por dia, dois em cada sentido. Havia trens só de passageiros e trens mistos que também puxavam carga. Os trens que iam até São Paulo possuíam vagões dormitórios, um vagão restaurante, além de um vagão do correio, o qual transportava a correspondência para as cidades por onde passava. Um momento importante do dia era aquele em que os trens de passageiros chegavam, principalmente aos domingos, quando ir à estação era uma diversão, um dos lazeres da cidade⁵⁸.

⁵⁷ *A República* (Curitiba, 01.07.1894). *Apud*: MELLO NETO, Candido de. Op. cit., p.232.

⁵⁸ KLAS, Arthur Orlando. op. cit., p. 94.

A estação movimentou economicamente Palmeira, necessitando de empregados, como o Agente da Estação, o Guarda Chave, o Telegrafista, além das pessoas que trabalhavam indiretamente, como fornecedores de lenha, já que na época as locomotivas eram a vapor, a “Maria Fumaça”, por isso toda a estação deveria ter sempre lenha disponível. Entre os diversos funcionários que trabalharam na estação, encontramos Basílio de Sá Ribeiro, o qual se aposentaria como fiscal de Trem mais tarde e é um importante personagem dessa análise.

Em 1897 Palmeira é elevada a categoria de cidade, influência do então deputado estadual Ottoni Ferreira Maciel. Entre os prefeitos da cidade figuram nomes como Manoel Pires de Araujo Vida, Manoel Christino dos Santos, Ottoni Ferreira Maciel e Domingos Theodorico de Freitas,⁵⁹ permanecendo basicamente as mesmas figuras no poder.

A República trazia consigo a separação entre Estado e igreja, assim, lentamente observamos essa descentralização ocorrendo em Palmeira. Primeiro a educação, que anteriormente ocorria em uma das laterais da igreja recebe um local próprio. Em dezembro de 1904 é lançado o decreto nº 407, assinado pelo então governador Vicente Machado da Silva Lima - segundo o qual o governo doaria doze contos de réis para construir um Grupo Escolar que deveria ter a denominação perpétua de Conselheiro Jesuíno Marcondes, em homenagem ao ilustre palmeirense pelos serviços prestados ao Paraná.⁶⁰ A construção do Grupo Escolar é iniciada no ano seguinte em um terreno que pertencia a Antônio Joaquim de Camargo (genro do fundador de Palmeira), situado aos fundos da igreja Matriz. Nele havia uma antiga casa, que há muito não era usada e da qual restavam apenas escombros, o então prefeito Manoel Pires de Araujo Vida promulga uma lei considerando o terreno devoluto, destinando-o a abrigar o futuro Grupo Escolar⁶¹. Para a construção fora contratada uma empreiteira de Ponta Grossa, a Heitor Manente, e entre os funcionários que se dirigiram à Palmeira para trabalhar na execução da obra encontramos Paulo Krambeck, imigrante alemão que já residia no Brasil há algum tempo. A obra do Grupo Escolar Conselheiro Jesuíno Marcondes teria sido concluída em 1907, quando passou a ofertar aulas para classes femininas

⁵⁹ Poder Legislativo. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p.498.

⁶⁰ Decreto de Lei nº. 407, de 03 de dezembro de 1904. apud FREITAS, Astrogildo de. Op.cit., p. 56

⁶¹ Lei municipal nº 70, de 10 de agosto de 1905. apud FREITAS, Astrogildo de. op. cit., p. 56

e masculinas.⁶² Paulo Krambeck a partir de então passou a residir na cidade de Palmeira, onde construiu diversos laços de amizade e onde acabou por fundar um clube operário, instituição sobre a qual falaremos mais a seguir.

Após a escola, a câmara municipal também é transferida das dependências da igreja Matriz, passando a realizar suas reuniões em uma das salas do grupo escolar. A República fazia-se perceber em Palmeira através de uma lenta laicização, embora a religião católica ainda fosse central à vida daquela comunidade.

Em 1910 Palmeira passa a contar com o cinema. O primeiro chamava-se Cine Íris, ainda nos tempos do cinema mudo; violinos e piano acompanhavam o andamento do filme. Este cinema sempre pertenceu à família Malucelli, inclusive em seu interior havia um camarote destinado à família e a função só iniciava quando esta chegava. Com o falecimento de Nacim Malucelli, passou a ser administrada pelo seu genro Amin Bacila, que mais tarde fez sociedade com Benjamim Malucelli, seu genro; foi então que o cinema passou a ser denominado como “Cine Vitória”; a família Bacila o administrou até seu fechamento em 1951, devido à construção do Cine Teatro Municipal.

Entre mudanças e permanências a cidade de Palmeira passava por algumas transformações vindas com o novo século, permanecendo, no entanto, muitas das heranças da monarquia, seja nos atores que comandavam as decisões políticas, seja nas relações sociais pautadas por uma “verticalidade hereditária”.

Entre esses atores encontramos Ottoni Ferreira Maciel, que além de vereador e presidente da câmara, foi eleito para o Congresso Constituinte do Paraná aos 21 anos, auxiliando na carta constitucional do Estado. Em 1915, após organizar a Companhia Telefônica do Sul do Paraná, Ottoni instalou um telefone em sua residência, que ficava a aproximadamente 15 km de distância da sede do município, e desfilava todos os dias em seu Chevrolet, comprado na agência dos Freitas (cujas esposas mais tarde fundariam um grêmio feminino chamado Magnólia).

Ottoni também teria sido o responsável, utilizando-se de recursos próprios, por construir, em sua comunidade natal - Papagaios Novos - uma igreja sob a invocação de Santo Antônio - santo de sua devoção - recebendo da comunidade uma almofada de veludo que ficava no primeiro banco da igreja para que ele se

⁶² GUMY, Luiz Gastão. **Visões do Passado**. Palmeira: 2008. p.189.

sentasse com sua família.⁶³ Em 1918, ao ser eleito deputado federal, teria deixado sua terra natal, permanecendo, no entanto, sua influência política naquelas terras.

Algumas das transformações surgidas com o novo século eram percebidas nas ruas, ao ver os carros dividindo espaço com carroças e cavalos, indo ao cinema, ou a estação, enviando um telegrama, bem como nas questões sociais, através dos novos moradores vindos da Europa que agora dividiam espaço com os antigos moradores, ou os antigos escravos, que embora talvez não gozassem plenamente desse direito, agora possuíam status de cidadãos. Tudo isso concorria para que houvesse uma reorganização daquela sociedade tradicional, e nas palavras de Sevcenko:

(...) Esse conjunto de transformações gerou um amplo processo de desestabilização da sociedade e cultura tradicionais, cujo sintoma mais nítido e mais excruciante, pelos custos implicados no desejo das novas elites de promover a modernização “a qualquer custo, foi o episódio da Revolta de Canudos”.⁶⁴

Quando fala em “modernização a qualquer custo”, Sevcenko refere-se a Revolta de Canudos e a Revolta da Vacina, que acabaram por eclodir nesse contexto de modernização em uma tentativa de erradicar tudo aquilo que remetesse a valores diferentes daqueles que a modernidade pregava. Em Palmeira não houve movimentos de tamanha proporção, o que não significa que a sua maneira eles não tenham ocorrido. Se observarmos as leis e decretos municipais publicados nas últimas décadas do século XIX encontramos textos que se ocupam da organização do espaço urbano, visando o alargamento das vias, a proibição de objetos que atrapalhassem a circulação nas ruas, como andaimes, a obrigatoriedade de vacina nos menores de 8 anos, bem como a proibição da lavagem de roupas ou de quaisquer objetos nas fontes e chafarizes da cidade, também versando essa legislação sobre a proibição de divertimentos carnavalescos que pudessem ofender a boa moral ou perturbar a tranquilidade pública⁶⁵. Já no início do século XX, além dos temas já apontados, outros ganham atenção, como a proibição da criação de

⁶³ Vultos Eméritos. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p. 263.

⁶⁴ SEVCENKO, N. Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, N. (Coord.) **História da vida privada no Brasil**: República: da Belle Époque à Era do Rádio. 4.reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v.3, p.16.

⁶⁵ Palmeira. Decreto nº 673 de 1881. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p. 507.

gansos e cabras soltos nas ruas,⁶⁶ a proibição do aluguel de casas sem a prévia desinfecção e outros cuidados.⁶⁷

Sevcenko fala sobre as novas elites que desejavam promover a modernização, na pequena cidade não podemos falar necessariamente em novas elites, afinal, como pudemos perceber, as elites surgidas com a cidade permanecem, aparecendo no entanto, algumas novas figuras, sem alterar de forma significativa as estruturas sociais, ao menos em um primeiro momento.

Entre as mudanças ocorridas nesse período, a República é uma delas, não possuímos fontes para afirmar como esses sujeitos compreendiam-na, no entanto sabemos a partir da carta de Basílio, que a festa do dia 15 de novembro, em 1919 foi comemorada no clube Beneficente Operário, talvez a República representasse para eles a queda dos antigos poderes do império, com seus títulos e exclusões. No entanto em um primeiro momento, logo a partir de 1889, não observamos mudanças significativas na estrutura daquela sociedade, que permanecia sob as mesmas bases sociopolíticas. Figuras como o Coronel Ottoni permaneceram influentes, o que nos leva a refletir na possibilidade de em um coronelismo no Paraná, e mais especificamente em Palmeira.

Integrante de uma elite controladora do poder econômico, político e social no país – integrante, portanto, de uma oligarquia para utilizar o termo apropriado – tem sido o “coronel” definido principalmente pelas suas características políticas (...) o coronelismo seria uma forma de adaptação entre o poder privado e um regime político de extensa base representativa.⁶⁸

Para aqueles que nasceram e foram criados sob os desígnios de uma oligarquia, fazia-se difícil libertar suas estruturas de pensamento daquela tradição hierárquica, do poder de um grupo e da rígida ordem social imposta. No entanto, nas primeiras décadas do século XX observamos que algumas das figuras centrais da tradição sociopolítica palmeirense deixam a cidade, Ottoni passa a morar na capital Curitiba, mas ele não foi o único, dos descendentes do fundador poucos permaneceram na cidade, o que gera um rearranjo das elites locais. A chegada do imigrante, que possui outra estrutura de pensamento, não reconhecendo as

⁶⁶ Palmeira. Lei municipal nº 148 de 16 de abril de 1914. Livro nº 2, p. 4.

⁶⁷ Palmeira. Lei municipal nº 148 de 19 de outubro de 1914. Livro nº 2, p. 7.

⁶⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.). **História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano: Estrutura de poder e economia (1889 – 1930)**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 174.

estruturas já cristalizadas naquela sociedade, foi importante nesse processo. E ao unirem-se, os trabalhadores de Palmeira – os recém chegados e os antigos – construíram uma associação que além de lhes socorrer em momentos difíceis, lhes permitiu reconhecer o valor e a importância de seu grupo, lutando assim por mudanças naquela sociedade que os colocava a margem do poder.

1.6 – CENÁRIO MONTADO PARA O SEGUNDO MOVIMENTO

Em 1919, data narrada na carta, Palmeira era formada por diferentes grupos, entre a elite, aparecem principalmente os descendentes de portugueses de tradição fundiária, entre o povo figuram ex-escravos, que ainda recebem o título de “preto” antes de seus nomes⁶⁹, e os demais trabalhadores pobres, como Basílio; o imigrante advindo da grande imigração, que embora em alguns casos ganhe destaque - como a família Malucelli, dona do cinema - ainda possui o estigma de imigrante, que como pudemos perceber ao longo do capítulo, foi negativamente construído, seja através dos ditos “fracassos” da imigração ou devido ao preconceito recebido pelos anarquistas da colônia Cecília, estigma que aparece inclusive na fala de Basílio, quando há a necessidade de se diferenciar dos imigrantes chamando-os de *Palmeiristas*.

Com o afastamento de algumas das figuras centrais da elite da cidade, outros sujeitos passam a ocupar ou a buscar esses lugares que ficaram “vagos”. É nesse contexto que surge o Clube Operário, que fundado em 1910, participa de uma nova fase na organização social da cidade, congregando os operários em busca de assistência mútua, e criando muito mais que um espaço de auxílio e lazer, mas a possibilidade de uma coesão de grupo e conseqüentemente levando ao surgimento de uma posição na disputa pelos espaços de poder.

⁶⁹ Na carta, Basílio narra que a presidente do Grêmio das Magnólias mandou o “preto João Bahia” lhe chamar.

2 - CAPÍTULO II: UM JOGO DE ESTRATÉGIAS CHAMADO MUTUALISMO

Depois do grande exemplo que a nossa Sociedade deu a Palmeira, aviventou as outras classes a tomarem o mesmo caminho, logo surgiu o Grêmio das Magnólias, o Palmeirense o Club Democrático Fott Bal Club, hoje Ipiranga, e depois os Violetas.

(Basílio de Sá Ribeiro)

Se observarmos a entrada dos diferentes personagens nessa “baila” que é a sociedade palmeirense, em um primeiro momento parece possível, talvez por ingenuidade, pensar em grupos distintos, cada um formado por determinados sujeitos - seja essa divisão ordenada por classe social, seja por permanência no local – no entanto ao consultar as fontes, essas tentativas primárias de ordenamento fechado acabam indo por terra, como refletiremos neste segundo capítulo.

Não apenas de operários era formado o Clube Beneficente Operário, bem como, não apenas pela elite tradicional da cidade era formado o Clube Palmeirense e o Grêmio Magnólia. A complexidade do real ultrapassa qualquer possibilidade de análise, o que nos cabe é reduzi-lo para torná-lo minimamente factível e compreensível. Nas palavras de Elias:

(...) a partir do entrelaçamento de incontáveis interesses e intenções individuais - quer tendessem a mesma direção ou a direções divergentes e hostis - surgiu algo que não foi planejado nem foi intenção de qualquer um desses indivíduos, mas emergiu a despeito de suas intenções e ações. E realmente aí se encontra todo o segredo das configurações sociais, sua dinâmica irresistível, suas regularidades estruturais, o caráter de seu processo e de seu desenvolvimento, e é esse o segredo da sociogênese e da dinâmica das relações.⁷⁰

2.1 – MUTUALISMO

Em um momento que não havia leis trabalhistas consolidadas ou previdência social, a forma encontrada pelos homens do trabalho para socorrer suas viúvas e crianças, garantir assistência durante uma doença ou velhice, sepultar dignamente

⁷⁰ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Jorge Zahar editora: Rio de Janeiro, 1993. V.2, p.140

seus mortos era o auxílio mútuo. Esses homens congregavam-se em clubes e agremiações, garantindo assim certo conforto frente as adversidades da vida.

Em seu livro *O Sonho do Futuro Assegurado*, Tânia Regina de Luca afirma que comumente o mutualismo é visto com certo desprezo, em uma espécie de elemento embrionário da classe operária, o qual teria coexistido com a escravidão, e definido não pelo que foi, mas pelo que viria a ser: uma espécie de antecessor dos sindicatos. “A preocupação exagerada em dar ênfase à atuação política dos sindicatos fez com que entidades que não se pautavam pela contestação aberta fossem relegadas a segundo plano ou simplesmente omitidas”.⁷¹ Para a autora, o mutualismo não deu origem nem se confunde com o sindicalismo, seriam ambos contemporâneos entre si, e não excludentes.

Com o fim da escravidão optou-se pela imigração subvencionada, os imigrantes em busca de melhores condições de vida teriam se dirigido para as cidades, levando a constituição de um mercado interno de consumo, a cidade se constituía como um espaço potencial de conflito, estimulando assim a solidariedade operária, que se manifestava nas ligas de resistência através das sociedades de socorro mútuo e uniões. Ao estudar as cidades de Santos e São Paulo entre 1890 e 1935, Luca observa que o período em que há maior crescimento das mutuais é compreendido entre 1890 a 1920, ou seja, o período em que há a afirmação das relações capitalistas de produção.⁷²

No processo de consolidação do trabalho assalariado, as relações de trabalho permaneceram impregnadas pelos padrões do trabalho escravo, a mão-de-obra no início do século XX, era vista como algo que deveria ser explorado ao máximo, sendo a condição do operário frequentemente identificada à do escravo.⁷³ Os trabalhadores estavam a mercê dos capitalistas.

(...) a inexistência de qualquer freio institucional nas relações entre o capital e o trabalho possibilitava ao capitalista assentar acumulação na mais-valia absoluta. (...) Esta situação que persistiu por décadas a fio, acabou por revelar-se um terreno fértil para o progresso de sociedades que se propunham a garantir alguns itens de caráter previdenciário. Em realidade, tais entidades podem ser encaradas como uma forma de resistência a um padrão de exploração que condenava a classe trabalhadora a viver de maneira sub-humana.⁷⁴

⁷¹ DE LUCA, Tânia Regina. *O Sonho do Futuro Assegurado*. São Paulo: Contexto, 1990. p. 10.

⁷² Ibid. p. 23.

⁷³ Ibid. p. 25.

⁷⁴ Ibid. p. 27.

A cidade de Palmeira apresentava um cenário social distinto do apresentado nas cidades de Santos e São Paulo neste período, a estrada de ferro cortava a cidade, e existiam algumas pequenas indústrias, mas sua economia era basicamente agrícola, sendo a erva mate um dos principais produtos explorados na região. Os trabalhadores se dividiam nas funções de sapateiros, barriqueiros, ferreiros, ferroviários, carpinteiros, pedreiros, carroceiros, agricultor entre outras⁷⁵. Talvez por se tratar de pequenas indústrias e fabriquetas, ou por se tratar de uma pequena cidade,⁷⁶ ou ainda, e essa hipótese nos parece mais acertada, por se tratar de uma análise micro-histórica, as relações entre patrões e empregados, embora de certa forma antagônicas, se entrelaçam na dinâmica social da cidade, apresentando alguns indivíduos um capital simbólico que os permitia, mesmo fazendo parte das classes trabalhadoras, frequentar espaços de elite e receber certo reconhecimento social, embora ainda carregassem alguns “estigmas sociais” de sua classe.

Como um “quase pertencimento”, esses sujeitos transitavam entre diferentes grupos, e apresentavam suas identidades fragmentadas⁷⁷ entre eles. Um exemplo entre esses sujeitos é o próprio Basílio - como pensaremos de maneira mais específica no terceiro capítulo e Paulo Krambeck que exaltado por Basílio como fundador do Beneficente Operário, também figura como fundador do clube Palmeirense.

Tais questões nos levam a refletir sobre as relações entre sujeito e estrutura, sobre objetivismo estruturalista e o subjetivismo, recorremos então a Bourdieu que ao realizar esforço para sair dessas dicotomias pensa conceitos como *habitus* e *estratégia*, e em *Coisas Ditas* afirma que:

A noção de estratégia é o instrumento de uma ruptura com o ponto de vista objetivista e com a ação sem agente que o estruturalismo supõe (recorrendo, por exemplo, à noção de inconsciente). Mas pode-se recusar a ver a estratégia como o produto de um programa inconsciente, sem fazer dela o produto de um cálculo consciente e racional. Ela é produto do senso

⁷⁵ Livro de Registro de Sócios da Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense. Manuscrito, Sede da Sociedade, 28/07/1929.

⁷⁶ Segundo o senso demográfico de 1920, Palmeira contava com 19 mil habitantes, população semelhante a de Paranaguá, Ponta Grossa, Castro e Campo Largo, em um momento que a capital do estado contava com aproximadamente 79 mil habitantes.

⁷⁷ Compreendendo identidade a partir da definição de Stuart Hall, para quem o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, as identidades não seriam unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente, seriam sim contraditórias, com as identificações sendo continuamente deslocadas. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando das atividades sociais (...)

Percebe-se que não se deve colocar o problema em termos de espontaneidade e coação, liberdade e necessidade, indivíduo e social. O *babitus* como sentido do jogo é jogo social incorporado, transformado em natureza. Nada é simultaneamente mais livre e mais coagido do que a ação do bom jogador. Ele fica naturalmente no lugar em que a bola vai cair, como se a bola o comandasse, mas, desse modo, ele comanda a bola.⁷⁸

Podemos então compreender que esses sujeitos, em muitos momentos fizeram uso de *estratégias*, para dentro das possibilidades e regras sociais identificadas por eles, transitarem entre os diferentes grupos, conseguindo reconhecimento e assim defendendo suas posições. Lutando muitas vezes contra a anomia que a classe operária muitas vezes era relegada.

Nesse sentido também compreendemos que mesmo as mutuais não representando um enfrentamento aberto (de classe), e não levando imediatamente a uma reorganização na estrutura da sociedade, elas se apresentam enquanto *estratégias*, em um jogo com regras e regularidades, que apesar de muitas vezes não serem explícitas, são conhecidas pelos jogadores.

2.2 - PRIMEIRAS SOCIEDADES

Como pudemos acompanhar no capítulo anterior, o processo de formação da cidade de Palmeira é marcada por grandes distâncias sociais, incluindo a escravidão em suas páginas. Mesmo entre os trabalhadores livres, e depois do fim da escravidão, a exploração do trabalho e as disparidades sociais permaneceram, surgia então, como uma primeira tentativa de minimizar os problemas sociais da cidade a União Operária Palmeirense: Associação Beneficente e Instrutiva. Criado em 1898, esse clube tinha por finalidade, de acordo com estatuto, “a união dos operários, artistas, industriais e homens do trabalho, projetando-os em qualquer emergência da vida”.⁷⁹

Entre os fundadores da União Operária Palmeirense encontramos, em sua imensa maioria, sobrenomes de origem portuguesa, e estes além da assistência diante das emergências da vida, visavam “auxiliar qualquer empresa que se

⁷⁸ BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.81,82.

⁷⁹ Estatuto da União Operária Palmeirense. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p.419.

pretendesse ao desenvolvimento das artes e indústrias locais, e a promover a instrução de seus associados e as pessoas de sua família, fundando para isso bibliotecas, escolas ou facultando outros meios de instrução primária e cívica”.⁸⁰ Sobre essa sociedade possuímos poucas informações, sabendo que não teve longa duração, provavelmente era a ela que Basílio se referia quando afirmou:

Escutem meus amigos, nos remotos tempos de Palmeira a formação de uma sociedade era a coisa mais difícil, criaram sociedades que se quebrou com dinheiro em caixa, isto é, no tempo de Palmeira só de Palmeirenses.⁸¹

Não sabemos se essa sociedade conseguiu realizar o que se propôs, ou sequer os rumos por ela tomados, mas devido a ausência de fontes, acreditamos que sua vida tenha sido curta e suas ações não tenham atingido grande representatividade. No entanto cabe ressaltar essa primeira tentativa de organização associativa operária, que nos permite perceber que já havia, antes da Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense, um grupo de operários que unidos buscavam o auxílio mútuo, e que devido a fatores que desconhecemos, talvez relativos a legislação, talvez a falta de coesão do grupo, essa primeira organização não tenha obtido sucesso.

2.3 – BENEFICENTE OPERÁRIO

Doze anos após a primeira tentativa de agremiação operária, surge a Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense. Fundada em 1910, por um imigrante alemão chamado Paulo Krambek, apoiado por um grupo que congregava alguns moradores antigos, como José Adriano de Freitas - que também fez parte do grupo fundador da União Operária Palmeirense – e por outros imigrantes que assim como Paulo, acabaram por residir em Palmeira. Em comum todos tinham o trabalho como fonte de seu sustento e o desejo de uma organização que lhes permitisse “socorrer aos seus sócios em caso de moléstia ou morte e promover diversões úteis que estiverem no seu alcance”.⁸²

⁸⁰ Estatuto da União Operária Palmeirense. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p.419.

⁸¹ Carta: Vida de Uma Valsa “Beneficente”. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p.429.

⁸² Estatuto da Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p. 428.

Era uma sociedade com número ilimitado de sócios, e para associar-se, era exigida uma proposta assinada por três sócios que estivessem em dia com a tesouraria, com declaração de nome, idade, estado civil, profissão e residência do proposto. Este poderia ser de qualquer nacionalidade, desde que não sofresse de moléstia crônica devidamente julgada, não tivesse “defeito físico” e não fosse maior de 50 anos, nem menor de 18. A proposta de adesão do novo sócio era então apresentada em reunião e após votação aprovada, ou não. Eram quatro as categorias de sócios: Contribuinte, Benemérito, Correspondente e Honorário.

Essa sociedade congregava pessoas de diversas etnias, inclusive aqueles que já residiam na cidade, como os descendentes de portugueses. De acordo com o livro de registros do clube, a grande maioria dos sócios era operária. De sua fundação em 1910, até o ano de 1925, o clube chegou a contar com 256 sócios, dos quais mais da metade era declarado operário, as ocupações apresentadas no livro de registro se dividiam, entre outras, em negociante, e empregado do comércio, lavradores, alguns empregados públicos, militares, cervejeiros, ferreiros, três médicos, três dentistas e um padre.

A grande maioria dos sócios residia na cidade de Palmeira, alguns deles moravam nas comunidades próximas ao núcleo urbano, e outros, os quais faziam parte da categoria de sócios correspondentes, residiam em cidades próximas, como Ponta Grossa, Curitiba, Imbituva, São Mateus, entre outras.

Entre os sócios fundadores encontramos: Paulo Krambeck (negociante), José Batista de Souza (empregado público), Carlos Ristow (operário), Angelo Nicolati (lavrador), José Adriano de Freitas (operário), Aldino Agottani (alfaiate), Alvaro de Macedo Ribas (empregado público), Severiano A. Vida (empregado comércio), Belarmino Abelardo França (operário), Gaspar Eurich (operário), Joaquim Costa (operário), Carlos Schuetz (negociante), Luiz de Macedo Junior (operário), José Goreske (operário), Miguel Soares (operário), Francisco Teixeira de Freitas (operário), Paulo Dahle (negociante), Sebastião de Macedo Ribas (operário), Gotielel Harthmann (operário).⁸³

Em seus primeiros anos a Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense buscou contato com outras sociedades, inicialmente com a Sociedade Democratas e o Grêmio das Camélias de Ponta Grossa, enviando ofícios e convidando-os para

⁸³ Livro de Registro de Sócios da Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense. Manuscrito, Sede da Sociedade, 28/07/1929.

participar de bailes e outros eventos, o que ocorreu ao menos uma vez em oito de julho de 1915, quando os sócios do Beneficente Palmeirense receberam os sócios desses clubes para um baile em suas dependências. Posteriormente o surgimento de outras agremiações no município de Palmeira, estas passaram a receber ofícios e convites da Sociedade Beneficente, entre eles aparecem o Grêmio Magnólias e Grêmio Violetas, que ao receber convites para participar da posse da nova diretoria teriam enviado ofício de agradecimento e pedido de desculpas explicando não se apresentar por motivos imperiosos.⁸⁴ Percebemos então a tentativa do Beneficente Palmeirense em se aproximar e confraternizar com outros grupos, bem como a dificuldade em conseguir tal entrosamento.

Nas atas que seguem percebemos que lentamente as reuniões de posse da nova diretoria, que sempre ocorriam em 28 de agosto - dia que marca o aniversário do clube - passaram a ser frequentadas por um maior número de pessoas, recebendo convidados que prestigiam o evento, como por exemplo, na posse do ano de 1916, na qual, segundo o registro em ata, o promotor público da comarca teria tomado a palavra, exaltando o trabalho, o que agradou muito os operários. Na posse da nova diretoria de 1917, se faziam presentes representantes do governo municipal, do Clube Palmeirense, do Grêmio Magnólia e o Coronel Ottoni Ferreira Maciel, o que nos permite pensar que o Beneficente Palmeirense lentamente ganhava maior representatividade social.

Os auxílios aos doentes sempre são citados em suas atas, informando que o presidente visitou o enfermo e que o mesmo agradece o auxílio recebido, o qual tinha direito. Também está presente nas atas o desligamento de sócios que estão há meses em dívidas com o clube, bem como a proposta para a entrada de novos sócios, a qual sempre é exposta e votada, e em quase todos os casos aprovada.

A proposta para que Basílio de Sá Ribeiro se tornasse membro do clube foi apresentada em 20 de novembro de 1916. Inicialmente Basílio figura dentro da categoria de sócio correspondente, por residir em Paranaguá, posteriormente ele passa a residir na cidade de Palmeira, provavelmente em 1918, quando passa a participar mais ativamente das atividades do clube, figurando entre os membros da diretoria.

⁸⁴ Livro Ata nº 2 da Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense. Manuscrito, Sede da Sociedade, 08/07/1915 – 04/09/1929.

Os bailes de carnaval passaram a fazer parte do calendário de festividade do Beneficente, no entanto, no ano de 1918 foram poucas as reuniões realizadas, e o baile sequer foi mencionado, bem como o baile em comemoração ao aniversário do clube, talvez tais questões estejam relacionadas a primeira guerra mundial e a participação brasileira nesta, nas atas essa questão não é mencionada, no entanto este ano demonstra atividades atípicas no clube.

Em 1919 aparecem pela primeira vez nomes femininos nas atas, constando como presidente e tesoureira, no entanto havia um presidente e um tesoureiro ao mesmo tempo, o que nos permite concluir que havia uma ala feminina do clube, como o próprio Basílio aponta em sua carta. Neste ano o baile de carnaval acontece, bem como outro evento ganha destaque nas atas, uma briga que teria ocorrido em 2 de julho na qual, segundo as posteriores mudanças ocorridas no estatuto da sociedade e de acordo com os relatos, somos levados a acreditar, fazem referência ao fato de uma senhorita não ter aceitado dançar com um cavalheiro embriagado, a mesma teria sido auxiliada por outro cavalheiro, os quais entraram em vias de fato, surgindo então um terceiro cavalheiro, este armado. Os dois que se enfrentaram diretamente foram expulsos da associação, o terceiro, o qual estava armado, foi apenas advertido, o que levou a uma reconfiguração do estatuto, passando a partir daquele momento, aquele que possuísse arma, ao entrar no clube, a ser obrigado a entregá-la ao presidente da associação imediatamente.

Em ata do dia 04 de setembro de 1919, Basílio pede a palavra para explicar os motivos de estar se sentindo maltratado pela sociedade, no entanto esses motivos não são anotados, no início dessa mesma ata, seu irmão, Sebastião de Sá Ribeiro Júnior apresenta uma proposta de criação de um grupo dramático.

É curioso observar que o evento narrado na carta por Basílio, com tamanha relevância, não é em momento algum citado em ata, sequer a organização do baile em comemoração ao aniversário da República é citado, o acerto com a banda musical ou a criação da valsa. No entanto observamos que outros eventos também não são mencionados, como o baile que acabou em briga, o qual só foi anotado em ata posterior ao seu acontecimento, para o desligamento dos sócios envolvidos e mudança no estatuto da associação. O que leva a concluir que nem todos os eventos organizados eram citados em ata, mas também, que o evento narrado por Basílio em sua carta não teve a mesma relevância para ele e para o clube.

2.4 - GRÊMIO MAGNÓLIA

No ano de 1915 buscando um novo espaço de lazer, organizado em uma agremiação, foi fundado o Grêmio das Magnólias: Sociedade Familiar Feminina Palmeirense, formado por 25 senhoras e senhoritas da cidade. Na ata de Organização Social do Clube, é ressaltado que o primeiro encontro do grupo aconteceu na residência do “Sr. Capitão Modesto Linhares”, A partir desse evento é possível perceber a necessidade da figura masculina; sua esposa, Francisca Linhares, se tornou a presidente deste clube. Em outras atas, sempre é informado o local de realização da reunião, constando o nome do proprietário da residência, e em seguida de sua esposa, que era membro do grêmio.

Na ata de Sessão Solene da Inauguração do Grêmio Magnólia e posse da diretoria, faziam-se presentes representantes de outros clubes da cidade, como o Humaitá Foot-Bol Club e o Beneficente Operário, que foi representado por Ricardo Cavalcanti de Albuquerque, dono da residência em que se realizava a reunião, e esposo da secretária do Grêmio Magnólia.

As fontes sobre o Grêmio das Magnólias são escassas, no entanto sua vida enquanto instituição independente foi curta, quatro anos após sua fundação, o mesmo foi anexado ao Clube Palmeirense, passando suas sócias a fazer parte deste outro clube.

Aos seis dias do mês de fevereiro de 1919, presentes as sócias abaixo assignadas na sede do “Gremio Magnólia” realizou-se uma sessão afim de ser discutida a proposta feita pelo Snr. Dr. João Theophilo Gomy Junior para ser feita a adesão do Gremio ao Clube Palmeirense. Posta a proposta em votação foi resolvida ser feita a fusão. Foram propostas e aceitas as sócias do Gremio: a Sta. Maria Thereza Camargo pelas sócias Ema: Snra. D. Maria de Camargo Menezes e Paulina Perotta P. Lupercina Camargo Mello e D^a Luli Gomes Correia. Solicitou a exoneração do cargo a Presidente do Gremio Luli Correia e foi eleita para substituíla D. Roselmira Camargo Affonso da Costa.⁸⁵

2.5 - CLUBE PALMEIRENSE

Fundado em 13 de agosto de 1916, o Clube Palmeirense, segundo o seu estatuto:

⁸⁵ Ata de adesão do Grêmio Magnólia ao Clube Palmeirense. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p. 438.

É uma Associação destinada a promover toda espécie de diversões, como sejam: jogos lícitos, música, dança, leitura, conferencias, passeios, etc; sendo expressamente proibido tratar-se e discutir sobre politica e religião, no recinto da sede social.⁸⁶

Tal qual a Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense, é uma sociedade de número ilimitado de sócios, os quais devem ser do sexo masculino, classificados em sócios fundadores, contribuintes, beneméritos, honorários e correspondentes. Para se tornar sócio era necessário:

Proposta assignada por treis sócios quites com a thesouraria, com a declaração de nome, estado, profissão, idade, residência e classe a que deve pertencer o proposto.

Ser o candidato maior de 17 annos, ter occupação honesta, bôa conducta e decente profissão.

Apresentada a proposta ou propostas na sessão da Diretoria (...) será a proposta submettida á votação secreta, sendo acceito cada candidato se se verificar não existir um único voto contrário a sua admissão.⁸⁷

Entre os motivos que levariam um sócio à eliminação do quadro de sócios do clube figuram o não pagamento por três meses consecutivos da mensalidade, aquele que concorrer para a ruína e descrédito da sociedade, que violar qualquer disposição do regimento, agindo de má fé ou que no recinto da sociedade desacatar ou ofender qualquer sócio, família ou sociedade.⁸⁸

Entre as atribuições da diretoria estavam, além de gerenciar os gastos da sociedade e fazer cumprir o estatuto:

Solemnisar, com sessões magnas e litterarias, as datas nacionais mais memoráveis.

Crear e favorecer a criação de associações femininas e infantis, com os elementos das famílias dos sócios ativos do clube, filiados e sob a proteção deste, com a regulamentação feita, discutida e aprovada pela Assembleia Geral do Clube, tendo como Diretor e Mentor o Presidente do Clube, que dirigirá taes associações de accôrdo com os Estatutos que organisarem.⁸⁹

Entre as disposições gerais, que figuram no final do estatuto, encontramos o seguinte:

A diretoria só poderá conceder cartões de ingresso e frequência, no recinto social, ás pessoas não residentes nesta cidade e pelo prazo máximo de 30

⁸⁶ Estatutos e Regulamento Interno do Clube Palmeirense. Manuscrito, Sede do Clube Palmeirense, 26/02/1923.

⁸⁷ Ibid.

⁸⁸ Estatutos e Regulamento Interno do Clube Palmeirense. Manuscrito, Sede do Clube Palmeirense, 26/02/1923.

⁸⁹ Ibid.

dias; ficando o sócio apresentante e solicitante de tais ingressos responsáveis pela conduta do visitante beneficiado, que ficará sujeito às disposições deste Estatuto.

Os salões do clube deveriam estar abertos aos sócios e seus familiares todos os dias úteis das 17:00 às 23:00 horas, horário que era modificado nos “dias santificados” e feriados, quando o acesso poderia ser feito a partir das 10:00 da manhã até a meia noite.

No regimento interno do clube Palmeirense é apresentado como dever dos sócios tratar com urbanidade e respeito os demais sócios e convidados, criando um clima de solidariedade e confiança, fugir, em absoluto, das discussões sobre assuntos políticos e religiosos no recinto social, apenas frequentar o clube decentemente trajado e em estado normal, era proibido fumar no salão principal, especialmente se ali se encontrassem senhoras.

Na ata de eleição e posse da diretoria do ano de 1923 são transcritas diversas proposições a novos sócios e o pedido de exoneração de Arthur de Freitas, sócio fundador do clube, que ao não concordar com a realização de bailes de carnaval no clube Palmeirense, (2 de abril de 1924) prefere se afastar de seu cargo, afirmando que tais bailes iriam contra o que está firmado No Estatuto do Clube.

Entre os sócios fundadores encontramos 46 nomes, entre os quais Pedro Ferreira Maciel, Ottoni Ferreira Maciel, Aldino Agottani, Paulo Krambeck, entre outros. Ao observar os sobrenomes dos fundadores do Clube Palmeirense percebemos muitos sobrenomes tradicionais na cidade, como Camargo e Maciel. O intervalo entre a fundação do Beneficente Operário e do Palmeirense é de seis anos, período em que muitos daqueles que inicialmente chegaram a cidade como operários passaram a exercer outras profissões, como é o caso de Paulo Krambeck, que fundador do Beneficente, passou a fundador também do Palmeirense, frequentando concomitantemente os dois clubes. Paulo, como abordado no capítulo anterior, chegou a cidade de Palmeira como trabalhador da construção civil, logo em seguida abriu uma casa comercial de secos e molhados, na avenida central da cidade, como podemos observar através do folheto de sua loja:

Folheto de propaganda da loja de Paulo Krambeck, Palmeira, 1914.



Fonte: Acervo pessoal de Hugo Krambeck

Aldino Agottani, que assim como Paulo foi sócio fundador de ambos os clubes, tornou-se um conhecido alfaiate na pequena cidade, transitando entre os diferentes grupos, apresentava uma característica que os diferenciava dos demais, que, no entanto não o relegou ao ostracismo, Aldino havia sido um dos membros da colônia Cecília, e com o fim da colônia, acabou adotando Palmeira como residência definitiva. Sabemos de sua ligação com o anarquismo graças a seu sobrenome, no entanto, em momento algum as fontes fazem menção a sua origem.

O irmão de Paulo Krambeck, Arthur Krambeck torna-se sócio contribuinte do clube Palmeirense em fevereiro de 1924, não o encontramos entre os membros do clube Beneficente.

João Frederico Berger torna-se sócio do Beneficente Operário em setembro de 1913, participando ativamente das atividades dessa associação, sempre estando presente na diretoria, na comissão de finanças, e embora não saibamos a data em que João Frederico tenha entrado para o clube Palmeirense, sabemos que foi anterior a 1923, data que não possuímos dados sobre entrada e saída de sócios, é curioso observar que em maio de 1924 ele é readmitido como sócio do Clube Palmeirense, teria sido afastado por permanecer mais de três meses sem pagar

mensalidade, no entanto, ao ser readmitido, não lhe foi cobrada nova jóia, condição para os novos sócios.

São vários os sujeitos que transitam entre os dois grupos, participando ativamente de ambos, bem como o trânsito que podemos observar nas atas do Grêmio Magnólia, que ao apresentar o dono da residência em que a reunião ocorria, acabava por permitir-nos perceber a presença de diversas senhoras desse grêmio que eram esposas de membros da Associação Beneficente.

2.6- A BAILA

Ao buscar a *experiência*, os “sujeitos reais” por detrás dos clubes, nos pareceu muito difícil conseguir pensar sobre esses sujeitos a partir de quaisquer que fossem os conceitos. Essa realidade era tão fluída e tão viva, que distinções entre classes ou entre estabelecidos ou outsiders nos parecia reduzir em demasiado a riqueza dos detalhes em detrimento da teoria, no entanto, ao relembrar os conceitos apontados no primeiro capítulo, pensamos a cidade de Palmeira enquanto uma estrutura, o *campo*, e cada um dos sujeitos mencionados foram pensados em um *lugar*, mas como refletimos, esse *lugar* não é algo fixo e permanente, essa ideia permite o movimento o qual encontramos no conceito de configuração, ou seja, na ideia de “uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes”⁹⁰ e tal qual Elias busca explicar o conceito de configuração associando-o às danças de salão, percebemos no movimento desses sujeitos essa “baila”, conforme a necessidade, o desejo, a possibilidade, e a aceitação desses sujeitos eles se reorganizam, eles formam diferentes configurações, eles “dançam” em diferentes grupos. Formando um grande baile em que todos possuem um papel na dança encenada, permitindo assim a construção dessa sociedade em sua complexidade e assim o movimento da história.

Os 19 sujeitos que se uniram para dar início a uma mutual, mais que refletir sobre opressores e oprimidos, estavam buscando melhores condições de vida. Buscavam dignidade para enterrar seus mortos, bem como minimizar seus sofrimentos quando passavam por problemas de saúde, no entanto, ao realizar esse

⁹⁰ ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1994. Vol. 1. p.249.

movimento, acabaram por iniciar (ou talvez dar continuidade) a uma *estratégia* - como refletimos com Bourdieu mais acima - de resistência à situação que se encontravam. Acabaram, através dessa *estratégia*, permitindo uma maior coesão de grupo, a qual já existia no outro grupo, e que como apontamos no primeiro capítulo, contava com cargos importantes dentro da organização local, figurando como prefeitos e vereadores por exemplo.

Após a organização da Associação Beneficente Operária (1910), sugeriram os outros grupos, Grêmio Magnólia (1915), e Clube Palmeirense (1916), os quais sabemos, fundiram-se em 1919. Não nos parece coincidência que essas outras agremiações tenham surgido logo em seguida ao Beneficente Operário, e se observarmos suas bandeiras, percebemos alguns pontos que fazem oposição a agremiação operária, as quais vão além do simples fato que serem apenas associações recreativas. No regimento do Grêmio Magnólia, encontramos o seguinte objetivo: “Proporcionar diversões as suas consociadas, na conformidade dos seus recursos financeiros, empregando os seus esforços na união e prosperidade da família, para engrandecimento de nossa nacionalidade.”⁹¹

Sobressaem-se nessa fala dois valores: a família e a nacionalidade. Lembrando que entre os sócios fundadores do Beneficente, no momento de sua fundação, sete eram casados e os outros 12 eram solteiros, e que entre eles grande parte, inclusive o idealizador, eram estrangeiros, e que apesar de se pautar no mutualismo, a associação era espaço de lazer após o trabalho, não apenas dos homens, mas como o próprio Basílio aponta em sua carta, de senhoras e senhoritas, talvez ao evocar tais valores, as Magnólias estivessem se colocando em oposição aos Operários, no entanto não podemos esquecer que ao menos duas das senhoras que frequentavam esse grêmio eram casadas com membros do Beneficente. Quem sabe aí encontramos mais um motivo da oposição, no entanto não dispomos de fonte para afirmar isso.

Quanto ao Palmeirense, notamos alguns sujeitos que transitam entre os dois clubes, e se observarmos que o Palmeirense tem finalidades unicamente recreativas e instrutivas, percebemos a distância que há entre os dois. No entanto, diferentemente do operário, que ostenta em seu nome a profissão de seus membros, o Palmeirense ostenta apenas sua cidade. E embora nenhum deles

⁹¹ Ata de Organização Social do Grêmio das Magnólias. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p.437.

possua número limitado de sócios, há em ambos, a necessidade de ser o proposto apresentado por três sócios em dia com a tesouraria, no entanto, no caso do Palmeirense, ainda há a necessidade da compra de uma jóia do clube.

Percebemos então, no título do clube, a oposição a um clube formado em sua grande parte pelos imigrantes que recém chegados a cidade, se organizavam com os antigos operários para socorro mútuo. No estatuto do Clube Palmeirense são apresentados os objetivos do clube, voltados ao lazer, e em seguida, a proibição em se discutir política e religião no interior do clube, o que nos leva a pensar que estava longe de ser um clube coeso com relação a esses temas. No entanto manterem-se unidos, compartilhando, além de momentos de lazer, o status de pertencer a essa elite, parece justificar a união de sujeitos que participam de religiões e convicções políticas tão diferentes.

Em fevereiro de 1919 há a união entre Magnólia e Palmeirense, mostrando que apesar de a Sr. Linhares e a Sr. Cavalcanti serem casadas com membros do Beneficente, era entre essas duas agremiações que a identificação era maior, permitindo a fusão, e também sugerindo algumas características dessa sociedade quanto ao feminino, afinal, elas abrem mão de sua independência institucional para fundir-se, e assim respeitar as regras e deliberações, do clube masculino. Também a partir da observação dessa data, podemos perceber que quando ocorreu o desentendimento narrado por Basílio, o Grêmio Magnólia já estava sob a tutela do Palmeirense.

Nas atas do Beneficente, observamos a citação de diversos ofícios enviados ao clube Palmeirense e Grêmio Magnólia, o que não é observado nas atas desses outros clubes, os quais em nenhum momento fazem referência ao Beneficente, com exceção a ata de organização social do Grêmio Magnólia - que faz referência ao Beneficente devido ao fato da reunião ocorrer na residência de um dos membros deste clube, Capitão Modesto Linhares, afinal sua esposa, Francisca Linhares se tornaria presidente do grêmio Magnólia – e na ata de inauguração do grêmio, em que Ricardo Cavalcanti de Albuquerque, dono da residência em que se realizava a reunião é citado como representante do Beneficente, no entanto ele é esposo da secretária do Grêmio Magnólia.

Essa tensão e distensão existente entre os grupos pode também ser observada através de outras fontes, em diferentes momentos, como em um texto escrito em 1966, para marcar o cinquentenário de fundação do Clube Palmeirense.

Heitor Stockler afirma que na data de fundação deste, não existia em Palmeira outro clube:

Em Palmeira, (...), manifestação de alta categoria, não tinha oportunidade, visto que nem clubes havia, apenas saraus dançantes eram realizados.(...) E foi a fundação do Clube Palmeirense, iniciativa extraordinária para a época que, de fato, a sociedade local reafirmou sua vivência, aproximando-se mais da moda, pondo-se em dia com as danças modernas, enfim, firmando-se no conceito associativo de outras cidades em evidência.⁹²

O autor adota a estratégia do “apagamento” da memória do clube operário, para desqualificá-lo, pois afirma a inexistência de outros clubes além do Palmeirense (frequentado pela elite local), sendo atribuído a ele o pioneirismo da organização associativa na cidade. Não citou o clube Beneficente em nenhum momento, ainda que o mesmo já contasse com seis anos na data de fundação do Palmeirense. Também os valores da elite são ressaltados nessa fala, valores estes que não eram comungados pelo Clube Beneficente.

Esse mesmo autor ao comentar sobre o clube Beneficente em seu aniversário de vinte e cinco anos, fala sobre o clube enquanto “povo”, pensando-os enquanto uma massa que toma consciência; embora suas palavras fossem elogiosas, transparece uma hierarquização em sua fala. Ao citar o nome dos três principais idealizadores, afirma que eles foram responsáveis pela iniciativa de organizar esse povo, e afirma:

O povo, consciente de seus direitos e deveres dentro de uma pátria, equivale à própria pátria. Dê instrução ao povo, faça esse povo compreender que deve se instruir, que deve criar e que deve congrega-se em torno de ideais.⁹³

Nesse caso a expressão “povo” dá a ideia de massa, de coletividade, que inclui todos os integrantes do clube, como pessoas que receberam instrução e que agora têm a possibilidade de lutar por seus direitos, mas que até então estavam na ignorância.

Esse mesmo autor, fala sobre o cinquentenário do Clube Beneficente:

Esse tradicional grêmio de classe média de Palmeira é quase um misto de média e alta categoria social, se considerar-se o meio, o ambiente restrito, onde parece que a população se afiniza de tal modo, em caráter fraternal, dando assim, a idéia de uma mesma família de ricos e pobres, em que o

⁹² STOCKLER, Heitor. **Palmeira: Temas Regionais**. Palmeira: O Formigueiro, 1972. p.25.

⁹³ Ibid. p.76.

respeito, a estima e a dedicação entre si tem qualquer coisa de belo, de confortante e democrático.⁹⁴

Na tentativa de prestigiar o clube, esse autor ressalta a participação de pessoas de “alta categoria social”. Para ser elogiado por sua importância há a necessidade de fazer menção a categoria social. Algo que é visto como um elogio, pertencer a alta sociedade seria algo bom e perseguido.

Talvez nesse momento seja possível refletirmos sobre o conceito de paternalismo, que é apresentado por Chalhoub em seu livro *Machado de Assis historiador*. Em um primeiro momento o autor fala em paternalismo enquanto “uma política de domínio na qual a vontade senhorial é inviolável, e na qual os trabalhadores e os subordinados em geral só podem se posicionar como dependentes em relação a essa vontade soberana,”⁹⁵ visão questionada e derrubada por historiadores como Thompson, que teriam mostrado que a vigência de uma ideologia paternalista não significaria a inexistência de solidariedades horizontais e antagonismos sociais. Sendo assim, embora a visão dessa elite local de certa forma predominasse, isso não significa que não houvesse outra interpretação de mundo, crenças, valores criados pelos operários e vigentes em suas relações. O discurso dessa elite propunha mantê-la em seu papel central, no entanto não há um grupo sem o seu contraponto, ou em isolamento, e as tensões, disputas, lutas por representatividade, silêncios e conflitos seguem em um processo que constrói e é construído por esses grupos ao fazerem-se, sendo todas essas disputas, ao final, disputas políticas.

⁹⁴ Ibid. p.95.

⁹⁵ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p.47.

3- CAPÍTULO III – VIDA DE UMA VALSA

Os gregos contam que Teseu recebeu de presente de Ariadne um fio, com esse fio Teseu se orientou no labirinto, encontrou o Minotauro e o matou. Dos rastros que Teseu deixou ao vagar pelo labirinto, o mito não fala. [...] Há figuras do passado que o tempo aproxima em vez de afastar.

(GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, p. 7; 53)

Após buscar entender o processo de formação da cidade de Palmeira e dos clubes citados por Basílio em sua carta, conseguimos localizá-lo dentro dessa sociedade. Quando escreveu a valsa e vivenciou todo conflito narrado em sua carta, Basílio contava com 31 anos - em um período em que a expectativa de vida do brasileiro não chegava aos quarenta anos⁹⁶. Sabemos que ele nasceu em Palmeira, e que foi operário, que viveu parte de sua vida em sua cidade natal e parte em Paranaguá, onde conheceu aquela que viria a ser sua esposa. Sabemos que ao voltar a residir em Palmeira trabalhou na estação de ferro e que após algum tempo enquanto sócio correspondente do Clube Beneficente, passou a sócio contribuinte, participando ativamente das atividades do clube, e que enquanto músico teve a possibilidade de transitar por diferentes espaços naquela sociedade.

Nascido no mesmo ano que a escravidão chegava ao fim, Basílio pôde assistir e participar das muitas mudanças que vieram com o advento de um novo século, além do nascimento da República, o qual acompanhou com apenas um ano de idade, viu acontecer uma grande mudança nos transportes, com a chegada dos trens e dos primeiros automóveis, também das comunicações, com o telégrafo, o telefone, o cinema. Basílio acompanhou a chegada de grandes levas de imigrantes, percebeu a necessidade da adaptação das elites a partir da queda dos títulos outrora sustentados pelo império, bem como a dificuldade em ser reconhecido por seu valor individual e de grupo, diante de uma sociedade marcada pela hereditariedade e pela exclusão de muitos dos círculos de poder.

⁹⁶ TELAROLLI JÚNIOR, Rodolpho. **Poder e Saúde**: as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo. São Paulo: Ed. UNESP, 1996. p.48.

Esse sujeito se apresenta como uma figura de muitas faces - com uma identidade *pós-moderna*, se buscarmos o conceito de Hall⁹⁷. Como observaremos a partir da reflexão de trechos de sua carta, Basílio se pensa como palmeirense, em oposição aos imigrantes, que seriam palmeiristas, no entanto unidos, esses dois grupos formam o clube operário, congregando todos sob a bandeira do trabalho e do mútuo auxílio, clube que por sua vez faz oposição às elites locais, com as quais Basílio compartilha o fato de ser palmeirense e brasileiro.

Por ser integrante de uma banda de música, Basílio se apresenta em diversos locais, transitando tranquilamente por eles, e além de observar integrantes de seu clube frequentarem ao mesmo tempo o clube Palmeirense, observa também as esposas de seus amigos atuarem no grêmio Magnólias. E talvez ao observar essa baila que parecia tão sincronizada e compassada, Basílio não tenha se dado conta que apesar de muitas vezes “cruzar o centro do salão”, esse não era o seu *lugar* nessa sociedade. Ou talvez observando esse movimento contínuo, tenha acreditado que poderia dançar tranquilamente, como se seu movimento não dependesse da observação e aprovação dos outros sujeitos que com ele dividiam o “salão”.

Sua carta nos mostra um relato triste de alguém que é abruptamente exposto à sua posição nessa baila, posição essa diferente daquela que era por ele pensada, talvez aceita por muitos, silenciosamente percebida e encenada, no entanto esse silêncio é quebrado, e em um momento de conflito os estigmas são desvelados.

3.1 - PASSO A PASSO – PARTE 1

A carta escrita por Basílio tem o tom de memória, evoca algum ponto do passado por ele saudosamente memorado, logo, não podemos minimizar a influência que tais questões impõem ao seu texto, no entanto não nos propomos a pensar sua fala enquanto retrato fiel do que ocorreu, mas sim enquanto uma *representação*⁹⁸. Nessa concepção o real seria construído a partir de uma interpretação da realidade, construída contraditoriamente, por diferentes grupos, como uma forma de compreender, organizar e de dar sentido ao mundo e ao papel

⁹⁷ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

⁹⁸ CHARTIER, Roger. **O Mundo Como Representação**. In: Estud. av. vol.5 no.11 São Paulo Jan./Abr. 1991. p.183.

que cada indivíduo exerce nele. O *lugar* assumido pelos diferentes grupos não é algo estabelecido previamente, mas sim algo que é construído a partir da vivência e da convivência desses diferentes grupos em uma mesma sociedade, seus papéis não são estáticos, mas fruto de tensões e jogos de poder que ocorrem a todo o momento. A carta se apresentaria como um momento ímpar para pensar tais relações, permitindo refletir sobre as relações de poder que organizam essa sociedade, bem como os conflitos para manter ou modificar tais posições.

A parte inicial da carta, nomeada pelo próprio Basílio de Parte I, é construída em forma de narração e em terceira pessoa. Nela o autor conta como estava organizada a diretoria do Beneficente, fala sobre o grupo dramático que fazia parte do clube, o qual era presidido pelo seu irmão, Sebastião de Sá Ribeiro (Batuca), narra sobre a banda musical que acompanhava os preparativos para a festa que estavam organizando, mencionando que a banda era conhecida como Canelas Brancas, ou ainda, bandinha dos alemães. Enfim, através de sua narração permite ao leitor uma ideia de harmonia e de fraternidade, de que todos os membros do clube, em busca de um ideal comum, viviam tranquilamente aquele momento. No entanto não podemos nos esquecer que se trata de uma memória, e que apesar de Basílio se recordar do clube e de suas reuniões como algo harmonioso e fraternal, havia sim conflitos - como pudemos observar nas atas, como por exemplo, o baile que acabou com dois membros expulsos e a proibição de armas no interior do clube – relembremos então as palavras de Halbwachs,⁹⁹ para quem a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a transformações, mudanças constantes, estando diretamente relacionada à identidade social, pois todo processo de lembrança é construído socialmente. Assim compreendemos que Basílio encontrava no clube Beneficente acolhimento e fraternidade embora nem sempre essa harmonia mencionada por ele reinasse.

Nessa primeira parte, apesar do afastamento de Basílio, e de sua busca por ressaltar a harmonia vivida no interior do grupo, alguns elementos nos chamam a atenção, e entre eles o fato de um clube operário, formado por diferentes nacionalidades, organizar uma festa em comemoração ao dia 15 de novembro, festa da Proclamação da República. Uma data essencialmente nacional e com teor

⁹⁹ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

político. Nos parece ingênuo pensar que seria apenas mais um simples motivo para fazer uma festa, sendo várias as respostas possíveis para essa questão. Entre elas podemos refletir sobre algumas das mudanças trazidas pela república, as quais embora ainda chegassem lentamente à pequena cidade, certamente eram sentidas, não havia mais nobres, ao menos oficialmente, e todos, ao menos legalmente, eram cidadãos. Outro possível motivo faz referência ao desejo de aceitação daqueles que passaram a viver no Brasil, os quais apesar de terem encontrado diversas dificuldades nas novas terras, buscavam um maior entrosamento com aqueles que aqui viviam, minimizando assim o estigma de imigrante, afinal, comemoravam uma data brasileira. Com a república o sentimento nacional se fortalecia, talvez daí a necessidade dessa comemoração. Podemos também lembrar uma figura política de grande renome na cidade, o Cel. Ottoni Ferreira Maciel, que republicano, certamente influenciava na comemoração da data, afinal ele se fez presente em algumas reuniões de posse da nova diretoria no clube operário e era respeitado por esses. Talvez a união de todos esses fatores seja o motivo, ou outros ainda, os quais nos escapam no momento.

A partir da narração de Basílio, sabemos que havia um grupo de teatro, recém formado que contava com a participação de seu irmão, dele próprio e das filhas dos membros do Beneficente. Também sabemos que havia a Banda de Música dos Canelas Brancas, que embora não pertencesse ao clube, acompanhava-o em diversos momentos, e que entre os integrantes dessa banda estavam Basílio, seu irmão e diversos componentes de diferentes nacionalidades. O nome da bandinha nos chama a atenção, e como o próprio Basílio salienta, foi dado em oposição a outra banda, a banda de música do Velho Manoel Vida, chamada Banda dos Canelas Pretas. Apesar da busca por neutralidade, Basílio deixa clara uma primeira distinção, o velho Manoel Vida, citado por ele, já era um antigo morador da cidade, e talvez aqui percebamos uma primeira configuração.

Banda dos Canelas Pretas, São João do Triunfo, 1913.



Fonte: Acervo Pessoal, Maria Inez Bornancin.

A bandinha dos Canelas Brancas também era chamada de Banda dos Alemães, evocando a nacionalidade de boa parte de seus integrantes, e mais que isso, o fato de boa parte deles pertencer a outra nacionalidade. Podemos então refletir essa diferenciação a partir dos conceitos de estabelecidos e *outsiders* propostos por Elias. Apresentar de maneira velada essa diferenciação, quase uma brincadeira, denota a interdependência existente entre os grupos. Afinal, “um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído”.¹⁰⁰ Todos fazem parte de um mesmo grupo, no entanto há a necessidade de marcar certa diferenciação:

O problema é saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer ‘nós’, enquanto ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como ‘eles’.¹⁰¹

Canelas Pretas e Canelas Brancas, nomes próximos, mas opostos, nós e eles. E os responsáveis pelo batismo são aqueles que já possuíam tradição no local,

¹⁰⁰ ELIAS, Norbert. SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000. p. 23.

¹⁰¹ Ibid.p.37.

que poderiam designar os papéis que cada um deveria assumir nessa sociedade, ou seja, aos recém chegados, aos imigrantes, cabe o papel de *outsiders*. E da forma como o nome é recebido, como em um batismo, percebemos que esse papel é aceito. “Em regra, tais comunidades esperam que os novatos se adaptem a suas normas e crenças; esperam que eles se submetam a suas formas de controle social e demonstrem, de modo geral, a disposição de ‘se enquadrar’”.¹⁰²

Basílio faz parte da Banda dos Canelas Brancas, ou seja, ele faz parte do grupo recém chegado, não se congregando com a outra banda formada pelos antigos moradores. Se lembrarmos a ata da reunião de 04 de setembro de 1919, na qual Basílio teria se manifestado afirmando estar se sentindo maltratado pela sociedade, podemos refletir que ao ser associado e pertencer a banda dos recém chegados e ao ser tratado como mais um deles, ele se sentisse diminuído, pois afinal ele era palmeirense, como tão bem ressalta em sua carta, mas talvez por ter residido em Paranaguá por algum tempo e só depois retornado à sua cidade natal, não tenha mantido ou desenvolvido laços tão profundos com aqueles que se entendiam como antigos moradores, ou estabelecidos.

Não obstante, não podemos nos esquecer da política de branqueamento da população brasileira que ocorria no período da colonização e que deixou seus traços na cultura brasileira:

Até a década de 1930 o que se pensava no Brasil a respeito da imigração era que essa fosse um fator de contribuição para a formação racial e cultural da sociedade, especialmente se essa estivesse influenciada pelo ideal do branco europeu.¹⁰³

A partir desse ideal eugênico do branqueamento da população, e da contribuição européia na formação da sociedade brasileira pode-se chegar a conclusões de que o imigrante europeu foi muito bem recebido pelos brasileiros, também afirmado em discursos sobre o europeu, os quais, numa análise superficial, levam a acreditar na harmonia estabelecida entre antigos e novos moradores. No entanto se retomarmos as palavras de Basílio, e as relacionarmos a outra publicação do período, um almanaque do Paraná que falava sobre um ervateiro da região de Palmeira, de publicação contemporânea à formação do Clube Beneficente,

¹⁰² Ibid.p.65.

¹⁰³ RAGUSA, Helena. **A Representação do Judeu no Discurso Eugênico Brasileiro no início do Século XX (1920 - 40)**. Revista de história Regional. V.6 N.1. 2001. p.162.

somos levados a questionar a ideia de harmonia na recepção do imigrante europeu. Vejamos o que afirma o almanaque:

O Sr. Henrique Stadler, Alemão, veio para o Brasil, estabelecendo-se no Paraná em 1879, onde constituiu família, tornando-se, com o seu trabalho inteligente e fecundo, proprietário de terras com pinhaes e hervaes de óptima qualidade, e importante negociante.
(...) Apesar de estrangeiro, o Sr. Henrique Stadler, é um grande propugnador do progresso no Paraná (...) ¹⁰⁴.

Apesar de a inserção do imigrante ter sido rápida e bem sucedida em algumas regiões do Paraná, e de esses imigrantes terem estabelecido relações de boa vizinhança com a elite local, casando-se com membros de famílias tradicionais, e seguindo posturas e visões de mundo dessa elite, adotando assim o “familismo”, termo apresentado por Ricardo Costa Oliveira¹⁰⁵ para a conduta das famílias tradicionais da velha classe dominante, não é exatamente o que o ocorreu com os imigrantes membros do clube operário, que talvez por não possuir como herança de sua terra natal um capital econômico e social condizente com o galgado pelas classes dominantes, encontraram certa resistência entre os antigos membros da sociedade local.

O que nos leva a pensar que apesar do discurso oficial exaltar o branco europeu, nas relações cotidianas estabelecidas em Palmeira, esse imigrante enfrentou certa resistência, permanecendo como “o de fora”, no imaginário daqueles que os receberam.

Quando os imigrantes chegaram, encontraram uma sociedade já estruturada e buscaram se adaptar a ela, procurando seu *lugar*. Como elemento novo nessa composição, somos levados a acreditar que o imigrante aceitou o papel que lhe foi conferido pelos antigos moradores, ao menos em um primeiro momento, confraternizando-se e interagindo em uma associação operária que lhes propiciou a possibilidade de ser reconhecido naquela sociedade e a partir da qual foi possível lutar para a alteração desse *lugar* e dessa estrutura que já estava formada. Paulo Krambeck é um exemplo desse movimento, que iniciando sua vida social no clube operário, foi também fundador do clube Palmeirense, e reconhecido comerciante local.

¹⁰⁴ GUMY, Luiz Gastão. **Visões do Passado**. Palmeira: 2008. p.120.

¹⁰⁵ OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **O silêncio dos vencedores**: genealogia, classe dominante e Estado no Paraná. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

É importante ressaltar que tais relações nunca se apresentam como unilaterais, e essa forma de interpretar o imigrante pode ser questionada e vista de outras maneiras, se olharmos a partir de pontos de vista diferentes. No entanto, a partir das palavras de Basílio e do almanaque citado acima, somos levados a acreditar que esses imigrantes ocuparam o papel de *outsiders*, talvez devido ao histórico da migração na cidade, que apresentava as primeiras colônias como um fracasso, ou devido a colônia Cecília, que com seu ideal acabou por afrontar muitas das crenças locais¹⁰⁶.

Na sequência de sua narração, Basílio afirma que foi chamado no Beneficente pelo “preto João Bahia”, o qual estaria a mando da presidente do Grêmio Magnólia, neste trecho, novamente Basílio permite transparecer algumas questões, a primeira está na maneira de se referir ao portador do chamado, Basílio nascera no mesmo ano em que a escravidão chegou ao fim, fato que já havia ocorrido há 31 anos, no entanto o estigma da escravidão ainda aparece na maneira como Basílio se referia ao mensageiro, talvez aí possamos perceber mais uma *configuração* dentro da relação estabelecido e *outsider*, o “Negro João Bahia” carrega em seu nome a posição que ocupa dentro daquela sociedade, demonstrando que 31 anos não foram, de forma alguma, suficientes para permitir que o estigma da escravidão fosse superado.

3.3 – PASSO A PASSO – PARTE 2

Na segunda parte da carta, Basílio muda a forma narrativa para primeira pessoa, de maneira mais pessoal não busca a neutralidade, mas sim narrar como se sentiu, quais suas intenções e assim permitir ao leitor compreender o que estava em jogo naquele diálogo. Inicia então narrando que acompanhou o emissário (o preto João Bahia) até o grêmio das Magnólias e que ao chegar teria sido rodeado por um grupo de moças que acompanhavam a presidente do grêmio. O fato narrado teria ocorrido dia 13 de novembro de 1919, ou seja, dois dias antes da festa que estava

¹⁰⁶ Enquanto uma colônia experimental anarquista, a Colônia Cecília professa ideais do anarquismo, negando propriedade, autoridade e religião, o que ia de encontro com as bases da cultura local, que estavam firmemente assentadas na religiosidade católica e em uma rígida hierarquia de poderes. Apesar de manter a aparência de boa vizinhança, em diferentes momentos houve o conflito aberto entre membros da Colônia Cecília e membros de outros grupos da sociedade palmeirense. Ver: MUELLER, Helena I. **Flores aos rebeldes que falharam**. Giovanni Rossi e a utopia anarquista: Colônia Cecília. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

sendo preparada. No entanto o motivo do chamado, como aponta Basílio, o havia surpreendido. Assim como os operários, esse grêmio também planejava comemorar a Proclamação da República, e decidiu contratar a banda dos Canelas Brancas para animar sua comemoração. O que surpreendeu Basílio teria sido a proximidade com a data - apenas dois dias antes da festa - e o fato de sua banda já estar contratada pelos operários, como provavelmente as moças do Magnólias já imaginavam. A pressão para que o pedido fosse aceito se inicia já na chegada, quando Basílio é rodeado pelas moças, e segue com a fala da presidente afirmando que tinha certeza que Basílio atenderia ao pedido.

Ao afirmar que a banda já estava contratada, Basílio diz ouvir como resposta que ele deveria explicar nos operários que as Magnólias o chamaram, o que justificaria o abandono. E de forma reticente, ao afirmar que essa não seria uma boa atitude, Basílio teria ouvido como resposta:

Qual, você não se preocupe com isso, aquela gente não tem noção de sentimento, para eles qualquer coisa serve, eles arranjam um gaiteiro e um batuque sai do mesmo jeito música é luxo, e eles não podem com o luxo não é?¹⁰⁷

Nesse diálogo percebemos que de forma intrínseca está sendo debatida, mais que qualquer outra questão, uma relação de poder. E para afirmar seu papel superior nessa relação, a presidente do Grêmio relega aos membros do Operário uma condição de anomia, além da estigmatização do grupo.

A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ele reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo outsider.¹⁰⁸

Podemos refletir a relação entre grêmio Magnólias e clube Operário enquanto uma relação de classe, afinal, como afirmamos na introdução, pensar a relação de classe, significa compreender que a classe se faz em um processo que não se dá apenas nas relações de produção, mas através de comportamentos, da cultura (ideias, valores, tradições) e instituições, relações que podemos perceber na fala de Basílio e inicialmente essa era a nossa proposta.

¹⁰⁷ Carta: Vida de Uma Valsa “Beneficente”. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p.429.

¹⁰⁸ ELIAS, Norbert. SCOTSON, John. op. cit., p 35.

No entanto, ao buscar as palavras de Elias, acabamos nos identificando com o caminho teórico proposto por esse autor, o qual reflete inclusive sobre a relação econômica, mas sobre outro viés. Para ele, o grupo que detém a superioridade de poder tem vantagens advindas deste poder, podendo estas vantagens ser materiais ou econômicas. Afirmar que sob a ótica de Marx tais questões ganharam atenção especial, no entanto, embora seja importante estudá-las, elas não seriam as únicas vantagens que o grupo estabelecido possuiria em detrimento do grupo *outsider*. Como ressalta no caso de Winston Parva, onde essas diferenças não eram marcadas pelos fatores econômicos, os quais não eram visíveis a um visitante que desconhecesse a cidade e seus estigmas. Afirmar então que mesmo nos casos onde a luta pela distribuição dos recursos econômicos parece ocupar o centro do palco - citando nesse momento o exemplo dos operários e os diretores da fábrica - as disputas vão além da relação entre salários e lucros. Para Elias os aspectos econômicos se sobressaem quando o equilíbrio de poder é demasiado desigual, quanto menor for a distância entre o grupo estabelecido e *outsider*, mais claramente se tornariam os aspectos não econômicos das tensões e conflitos:

É nessa situação que a luta entre os estabelecidos e os outsiders deixa de ser, por parte desses últimos, uma simples luta para aplacar a fome, para obter os meios de subsistência física, e se transforma numa luta para satisfazer também outras aspirações humanas.¹⁰⁹

Para Elias, Marx ressaltou uma verdade importante ao apontar para a distribuição desigual dos meios de produção, mas teria sido uma meia verdade, e refletindo sobre o tema, o autor cita o exemplo dos burakumin japoneses, considerados páreas e impuros, os quais apesar de fisicamente iguais aos demais japoneses e economicamente iguais a maioria dos japoneses pobres, sofrem o estigma da exclusão, recebendo estereótipos os quais são internalizados pela maioria dos integrantes desse grupo, como se fossem de fato inferiores. Então Marx, ao apresentar como raiz principal do confronto entre “poderosos e inferiores” o objetivo econômico - embora toque em um ponto importante, afinal a primeira necessidade básica é a subsistência - não daria conta da compreensão de toda a dinâmica existente entre estabelecidos e *outsiders*, sendo as outras questões extremamente relevantes para a compreensão dessa relação. “A principal privação

¹⁰⁹ ELIAS, Norbert. SCOTSON, John. op. cit., p 33.

sofrida pelo grupo outsider não é a privação de alimento. Que nome devemos dar-lhe? Privação de valor? De sentido? De amor próprio e auto-respeito?”¹¹⁰

Logo, Elias afirma que além de uma ideia de classe ou de luta de classes existem diversas outras questões que perpassam as relações entre grupos que detém diferentes “porções de poder”, entrando aí a ideia de valor pessoal, da autoimagem, da maneira como esses grupos vistos como inferiores por aqueles que detém o poder se autorepresentam.

A visão de Thompson não está demasiado distante dessa definição, apontando as relações culturais intrínsecas às relações de classe, mas como nosso trabalho se assenta sob um conceitual voltado à história cultural, e como outros conceitos de Elias são utilizados, acreditamos que ao relacioná-los podemos pensar a realidade por nós estudada de uma maneira mais encadeada, sendo mais adequado permanecer com a análise proposta por esse autor, no entanto o conceito de classe permanecerá, compreendido a partir de Thompson, mas como mais um elemento dentro da distinção existente entre estabelecidos e *outsiders*.

No sentido proposto por Elias, a carta de Basílio permite a percepção da autoimagem desse sujeito e da maneira como ele constrói seu mundo, que filtrado pela visão daqueles que detém o poder, consegue dimensionar sua importância e a importância de seu grupo nessa relação de vínculo duplo, permitindo perceber que o grupo *outsider* se fortalecia participando mais ativamente da disputa de poder.

Estabelecidos seriam aqueles que detêm o poder, a tradição, nessa configuração as Magnólias, outsiders aqueles que são excluídos, estigmatizados, no caso Basílio e o clube Beneficente, aparecendo aí o fator econômico:

Os sintomas de inferioridade humana que os grupos estabelecidos muito poderosos mais tendem a identificar nos grupos outsiders de baixo poder e que servem a seus membros como justificação de seu status elevado e prova de seu valor superior costumam ser gerados nos membros do grupo inferior – inferior em termos de sua relação de forças – pelas próprias condições de sua posição de outsiders e pela humilhação e opressão que lhe são concomitantes. Sob alguns aspectos, eles são iguais no mundo inteiro. A pobreza – o baixo padrão de vida – é um deles.¹¹¹

No entanto, como pudemos perceber no capítulo anterior, em 1919 o Beneficente operário já contava com nove anos de idade, e entre seus membros

¹¹⁰ Ibid. p. 33.

¹¹¹ Ibid. p. 28.

havia vários membros do clube Palmeirense, e embora existisse certo estigma de grupo, como pudemos observar nas palavras da diretora do grêmio, o grau de coesão de grupo, dos operários, era auto, e a partir disso também era grande a possibilidade de lutar por um equilíbrio de poder, o que pode ser observado na resposta dada por Basílio: “Não!... Não é assim, Dona! Ali existe dignidade, decência, essa minha falta seria uma covardia, uma falta de caráter uma traição.”¹¹² A partir dessa resposta podemos perceber que embora exista uma bem marcada diferença de poder entre os dois grupos, essa diferença não se apresenta mais como tão significativa, como talvez tenha sido em outros momentos.

Seguindo o diálogo:

A Presidente: - E por que não? Com música ou com gaita eles pulam, com gravata de chinelo ou sem gravata, ou descalço, o fandango deles sai. Não perdemos mais tempo com isso, o Senhor vem pra cá, eles que se arranjam, o preço nós já sabemos. Olhe as 7 horas em casa do Seo Linhares.

Basico Sá: - Impossível, não, não praticarei uma ação tão miserável, a Senhora não gostaria que eu fizesse isso com o seu Grêmio, não?

A Presidente:- É claro... Mas... você não queria comparar o nosso Grêmio com aquela gente, aquilo lá ainda são selvagens;¹¹³

E provavelmente ao se dar conta de que não mais possuía um *lugar* de poder tão bem marcado, a Presidente começa a ser mais explícita em suas classificações, e no momento em que Basílio tem a “audácia” de comparar os clubes recebe como resposta que os operários, aos seus olhos, ainda eram selvagens.

A guerra estava declarada, ao expor de forma tão explícita os *lugares* que ambos os grupos ocupavam em sua *representação*, a presidente demonstra um último esforço para manter a distribuição de poder da forma que nutria. Ao não concordar inteiramente com tal *representação*, mantendo seu compromisso com os operários, e mais que isso, afirmando a identidade do clube de operários frente as Magnólias, Basílio demonstrava que através do clube operário seu grupo ganhava uma posição sólida para atuar de maneira mais ativa na busca por um equilíbrio de poder. O qual, no entanto ainda estava distante de ser plenamente alcançado:

Basico Sá: - A Senhora vai me desculpar mas... Para mim a única diferença que vejo entre essas Sociedades, é, que a Sociedade Operária é composta de homens do trabalho rústico, de uma vida difícil, mas honrosa e que organizam suas festinhas com um único ideal, de deleitar seus associados

¹¹² Carta: Vida de Uma Valsa “Beneficente”. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p. 430.

¹¹³ Ibid. p 430.

sem pretensão de diminuir alguém. A Senhora e sua Sociedade, para poder fazer uma festa quer por força desnortear a música que é um elemento indispensável no dia 15, lá nos Operários, a Senhora se enganou, eu também sou operário, e como eles tenho sentimento e jamais poderia deixar-me seduzir por essas pretensões de grandeza.¹¹⁴

Nesse momento Basílio permite transparecer diversos elementos muito caros à nossa análise. Ele reafirma sua identidade de grupo, ao se definir como operário, demonstra que ao escolher a Banda dos Canelas Brancas a intenção da presidente do Magnólias aparentemente é a de desorganizar o grupo operário, diminuindo sua coesão e assim retirando-os da disputa de poder que começava a ser percebida e a amedrontar, mas por fim demonstra que esse equilíbrio de poder ainda estava distante. Talvez essa intenção tão clara em desnortear a organização da festa operária seja apenas a leitura feita por Basílio, da qual a presidente não compartilhava, buscando a presidente apenas organizar uma festa em pouco tempo e com os recursos que lhe pareciam disponíveis, não contabilizando a importância que a festa dos operários tinha para Basílio, ou a possibilidade de os operários serem pensados enquanto indivíduos que merecem ser respeitados.

Basílio confirma que estar ao lado das Magnólias, ter sua banda como predileta delas, seria possuir “pretensões de grandeza”, ou seja, em sua *representação* ainda percebe esse grupo como superior, reconhecendo nele um *lugar* privilegiado nessa sociedade.

A Presidente: - Só isso... você parece se doer tanto por essa gente; pois pode ficar com seus Barriqueiros, Sapateiros, Carroceiros, e outros de sua laia não precisamos mais de sua música, mandaremos vir música de Ponta Grossa, e nunca mais vocês põem os pés em nosso Grêmio. Pode se retirar, você já é demais aqui.

Aquelas palavras, me feriram o coração. Um homem ser maltratado unicamente por querer cumprir com sua palavra; Fiquei imóvel, não tinha força para me retirar daquele lugar. Parecia estar amarrado por uma fogueira infernal.¹¹⁵

Elias afirma que com frequência, os próprios nomes dos grupos *outsiders* trazem em si, até para seus membros, implicações de inferioridade e desonra. “A estigmatização, portanto, pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder”.¹¹⁶

¹¹⁴ Ibid. p 430.

¹¹⁵ Carta: Vida de Uma Valsa “Beneficente”. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p. 430.

¹¹⁶ ELIAS, Norbert. SCOTSON, John. op. cit., p. 27.

Os conceitos usados pelos grupos estabelecidos como meios de estigmatização podem variar, conforme as características sociais e as tradições de cada grupo. Em muitos casos, não têm nenhum sentido fora do contexto específico em que são empregados, mas, apesar disso, ferem profundamente os *outsiders*, porque os grupos estabelecidos costumam encontrar um aliado numa voz interior de seus inferiores sociais.¹¹⁷

Ou seja, Basílio acaba aceitando os nomes das profissões exercidas pelos operários como inferiores, e de certa forma, atuando como um aliado da presidente que tinha por objetivo estigmatizar, mostrar a inferioridade daqueles indivíduos em sua representação de mundo.

Saindo do Grêmio Magnólias, Basílio teria sido acompanhado por José Adriano de Freitas, que palmeirense como Basílio, teria o aclamado por não ter se permitido iludir. Voltaram então ao clube Beneficente, beberam vermute e passaram longas horas conversando. Aparentemente a festa do dia 15 de novembro agora se tornara uma questão de honra. Seria através dela que “a ofensa seria paga”. Era necessário agora provar à presidente que os operários seriam capazes de organizar um belo evento, que entre eles há organização e que ela estava enganada quando os classificou como selvagens. O que demonstra que apesar da tensão revelada através desse conflito, e da certa ruptura que ocorre quando da tentativa da presidente de desestabilizar a organização operária, a distribuição de poder permanece desigual, possuindo ainda as integrantes do grêmio a possibilidade de julgar os operários, os quais necessitam então provar a elas que não são selvagens e que sabem se organizar, realizando uma bela festa.

Em uma mistura de álcool e mágoa, Basílio teria seguido para sua casa a cavalo, e ao longo do caminho teria surgido a inspiração para compor os primeiros versos daquela que ficaria conhecida como Valsa do Beneficente. As primeiras estrofes exaltam o trabalho e a união dos homens pobres que com sua força teriam suplantado os nobres. Referindo-se provavelmente ao desentendimento narrado anteriormente, e nessa relação de poder Basílio alinha-se aos trabalhadores do Beneficente, opondo-se aos membros do Magnólias, que são apontados como nobres e os quais seriam suplantados, ou teriam que aceitar a organização e a força que esses operários unidos agora possuíam.

Percebendo que esses versos poderiam se unir a outros e formar um hino, Basílio segue em sua composição, exaltando o trabalho e a união dos operários.

¹¹⁷ Ibid. p 27.

Usando de ironia ao lembrar que a presidente o havia chamado de rústico operário, e esse rústico operário compunha agora um hino, uma poesia sobre o trabalho, e em sua sensibilidade contradizia as palavras da presidente.

De maneira romanceada segue a narração, que fala sobre a lua e as flores, menciona o estandarte, e no terceiro verso, mais uma vez fala sobre trabalho e união. A poesia seria concluída no dia seguinte, durante o trabalho como operário. A noite, se dirigindo ao ensaio da banda nas dependências do Beneficente, Basílio teria apresentado sua composição já musicada, a qual foi executada pela banda e cantada por ele, e muito bem recebida por todos.

Na sequência Basílio afirma:

Fiquei muito contente a minha música tinha sido bem recebida e a alegria invadia minha alma, a ponto de eu perdoar aquela que tanto me ofendeu, que com aquela ofensa me fez brotar tão sublime inspiração, e creiam meus amigos, perdoei-a de todo coração.¹¹⁸

Quando é exposto à sua condição de operário, Basílio é equiparado aos operários do clube Beneficente, algo que não era novidade para ele, mas o que parece ter ofendido é sua exposição enquanto “inferior”, diferente, como não pertencente a “classe de especiais”. Naquele momento um código de costumes havia sido quebrado, e o grupo de Basílio exposto a sua condição “marginal” a partir da visão da elite. Tal quebra de contrato leva a tristeza, a ofensa, no entanto a interdependência entre os grupos permanecera e o desejo de manter a “boa vizinhança” de Basílio é evidenciada, por exemplo, quando o operário não cita o nome da presidente do grêmio Magnólias em momento algum, referindo-se a ela apenas como “A presidente”, e afirmando tê-la perdoado completamente pela ofensa sofrida.

Após a primeira audição da valsa, ficou acertado que ela seria apresentada ao final da festa do dia 15 de novembro, e que seria organizado um cenário para acompanhar a sua apresentação, o que teria ocorrido conforme o combinado:

No fundo do palco uma longa campina, nos lados ramagens e flores naturais, no centro uma bigorna e um operário malhando ferro e as crianças em coro cantando a valsa Beneficente. Ao terminar a valsa a Banda rompeu o Hino Nacional Brasileiro, e apareceu a República Brasileira, e cobre o operário com a Bandeira de nossa pátria.¹¹⁹

¹¹⁸ Carta: Vida de Uma Valsa “Beneficente”. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p. 432.

¹¹⁹ Carta: Vida de Uma Valsa “Beneficente”. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p. 432.

A campina certamente fazendo referência a sua terra, ao local que os acolheu, Palmeira, bem como as flores e as ramagens, o que nos leva a pensar que esses operários pertencem a esse lugar, sentem-se assim, donos dessa terra, reconhecendo o seu *lugar* nela. Ao centro é apresentado o operário malhando o ferro, o trabalhador no centro representa todos os trabalhadores, os membros do Beneficente, aquele que modifica através de seu trabalho o espaço e que assim reivindica seu reconhecimento. O hino/valsa é cantado nesse contexto, aclamando o trabalho e a união dos operários, pois unidos conseguiriam “suplantar os nobres”, ou seja, conquistar uma posição reconhecida, lutar por reconhecimento na disputa de poder.

A carta segue afirmando que o hino nacional é executado assim que a valsa termina, nessa data, a jovem república completava 30 anos, e era essa república que cobria o operário com a bandeira nacional. Somos levados a pensar que essa jovem república trazia consigo a proteção, a possibilidade de o operário ser reconhecido em seu trabalho, enquanto um igual, naquela sociedade marcada pela tradição de um império que trazia consigo títulos e exclusões marcadas desde a origem.

Não por acaso ao final da apresentação, Basílio afirma ter ouvido as palavras “estamos vingados”. O sucesso daquela apresentação, a presença da banda nos operários, a proteção da República por eles representada, permitiu que esse grupo se tornasse ainda mais coeso, como que afirmando “sim, somos operários, e ser operário é bom”.

Muitas questões diferentes podem expor às claras as tensões e conflitos entre estabelecidos e outsiders. No fundo, porém, todas são lutas para modificar o equilíbrio de poder; como tal, podem ir desde os cabos-de-guerra silenciosos que se ocultam sob a cooperação rotineira entre os dois grupos, num contexto de desigualdades instituídas, até as lutas francas pela mudança do quadro institucional que encarna esses diferenciais de poder e as desigualdades que lhes são concomitantes. Seja qual for o caso, os grupos outsiders (enquanto permanecem totalmente intimidados) exercem pressões tácitas ou agem abertamente no sentido de reduzir os diferenciais de poder responsáveis por sua situação inferior, ao passo que os grupos estabelecidos fazem a mesma em prol da preservação ou aumento desses diferenciais.¹²⁰

O sucesso da festa foi uma maneira encontrada pelos operários para desenvolver o reconhecimento interno de suas qualidades, o orgulho de ser

¹²⁰ ELIAS, Norbert. SCOTSON, John. op. cit., p. 37.

operário, talvez em uma busca de lentamente apagar o estigma que outrora a presidente do outro grêmio lhes conferiu abertamente.

Na sequência de sua carta, Basílio afirma que após esta data o hino passou a ser bastante conhecido e difundido, executado religiosamente às 24:00 horas do dia 28 de agosto, para comemorar o aniversário do clube, citando a comemoração de seus 25 anos – o que nos fez concluir que a escrita da carta foi bastante posterior ao ocorrido.

Se a história desta Valsa ficasse desconhecida, vocês não saberiam que foi fundada essa sociedade, e com pressão foi conquistado esse lugar. Os pedreiros, carpinteiros, ferreiros, barriqueiros, sapateiros e carroceiros com seu esforço e boa vontade, se uniram e ali está, o que se pode dizer, um orgulho para palmeira.¹²¹

Ao completar seus 25 anos, a Associação Beneficente era um clube reconhecido e respeitado na sociedade de Palmeira, como na nota em comemoração ao 25º aniversário do clube, em que Stockler fala do Beneficente como um “tradicional grêmio de classe média (...) quase um misto de média e alta categoria social, se considerar-se o meio, o ambiente restrito”.¹²² Cabe ressaltar que nesse momento, a finalidade mutualista do clube acabava por ficar esquecida em um passado no qual não havia previdência social ou leis trabalhistas que amparassem esses trabalhadores.

3.4 – PASSO A PASSO- PARTE 3

Após narrar a história que acabou por levá-lo a criar a valsa, Basílio passa a rememorar a fundação do clube, exaltando aqueles que colaboraram para a sua fundação, aqueles trabalhadores, que assim como ele, uniram-se para encontrar além de lazer, auxílio em horas de dificuldade. Surgindo o nome do principal incentivador do clube, Paulo Krambeck:

Escutem meus amigos, nos remotos tempos de Palmeira a formação de uma sociedade era a coisa mais difícil, criaram sociedades que se quebrou com dinheiro em caixa, isto é, no tempo de Palmeira só de Palmeirenses, mas, logo que a mão da providência enviou para Palmeira os Palmeiristas a coisa foi mudando e já começou a união e assim é que a muito custo pode-se retirar o pessimismo do “não vai”, é como dizem os nossos

¹²¹ Carta: Vida de Uma Valsa “Beneficente”. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p. 430.

¹²² STOCKLER, Heitor. **Palmeira**: Temas Regionais. Palmeira: O Formigueiro, 1972. p.95.

antepassados. Me refiro neste progresso aos descendentes de europeus que para felicidade de Palmeira foram abordar em nossa terra descendente de alemão, italianos, polacos, russos, que com um bom sentimento se congregaram com os Palmeirenses de boa vontade e conseguiram dar exemplo que até então era desconhecido, em Palmeira, a União faz a Força. Nesses princípios foi que o benemérito Palmeirista Paulo Krambek baseou-se e conseguiu com sua vontade e amor reunir um pugilo de Palmeirenses e fundou a Sociedade Operária Beneficente, a ele devemos esse grande empreendimento só a ele devemos essa união que hoje contamos com orgulho, eu como um Palmeirense de raça orgulho-me de apertar a mão de Paulo Kranbek, porque reconheço um verdadeiro brasileiro pelo bem que fez a minha terra¹²³.

O que podemos observar nessa citação, é que mesmo enaltecendo a figura do imigrante, que teria permitido a partir da criação de um clube, uma maior organização dos operários naquela cidade, aparece uma diferenciação feita entre este e o indivíduo nascido em Palmeira, entre Palmeirenses e Palmeirista. E tal qual na análise sobre as bandas dos Canelas Pretas e dos Canelas Brancas, surge uma sutil diferenciação entre dois grupos, estabelecidos (Palmeirenses) e *outsiders* (Palmeiristas), ou seja, uma configuração diferente daquela pautada na relação entre Magnólias e Operários, na qual, entre outras questões, a classe se apresenta como um diferencial.

Ao falar em Palmeirenses e Palmeiristas, Basílio coloca uma clara linha separando os dois grupos, apesar de esta se apresentar de maneira velada. No entanto não podemos nos esquecer que Basílio fazia parte da banda dos Canelas Brancas, ou seja, dos imigrantes, e que em reunião do clube Beneficente chegou a apresentar que se sentia maltratado no clube, também temos que nos recordar que a carta foi escrita bastante tempo depois do ocorrido, momento em que Paulo Krambeck era uma figura de renome dentro da sociedade Palmeirense. Para alguém que buscava reconhecimento entre os seus, a criação da valsa e o contexto em que isso ocorre é pontual para tal reivindicação. Ao manter sua palavra, mesmo diante da pressão de uma elite que tentava desnortear a organização operária, Basílio reafirma sua identidade e sua fidelidade ao grupo. Ao ser igualado aos imigrantes, participando de uma banda chamada de Canelas Brancas, provavelmente Basílio se sentisse diminuído, no entanto, ao exaltar um imigrante, indiretamente exaltava a si próprio, ainda mais quando tal imigrante passara a receber reconhecimento social. E ainda, posicionar-se como Palmeirense em detrimento dos Palmeiristas era exaltar-se uma vez mais, atingindo por fim aquela posição por ele almejada no passado,

¹²³ Carta: Vida de Uma Valsa “Beneficente”. In: WANSOVICZ, Tereza. op. cit., p.429.

afinal se estivesse contente com o reconhecimento recebido por seu grupo, não haveria a necessidade de pedir a palavra em reunião para afirmar que se sentia maltratado por esse.

Basílio, já idoso, distante de sua terra natal¹²⁴ ao escrever essa carta salda uma dívida consigo mesmo, conferindo em sua memória, o lugar que sempre desejou ocupar naquela sociedade, estando no centro da disputa entre “antigos burgueses” e operários e no papel de alguém que pode ditar o *lugar* ocupado por estabelecidos e *outsiders* por Palmeirenses e Palmeiristas, podendo finalmente afirmar “como palmeirense de raça”, que os Palmeiristas até poderiam ser pensados enquanto brasileiros, mas não ainda como palmeirenses, não ainda como iguais a ele. E saudosamente Basílio encerra sua carta, desejando que Palmeira, a cidade com a qual por fim acertava as contas, permanecesse em seu coração.

¹²⁴ No momento em que escreve a carta Basílio residia em Curitiba, cidade em que passou a viver na velhice e aonde veio a falecer.

CONCLUSÃO

Observando a complexidade dessa sociedade, percebemos que suas interdependências vão além das classificações que havíamos pensado a priori. Todos os sujeitos participam do mesmo “baile”, ocupando diferentes *lugares* no “salão”, todos “dançam ao som da mesma melodia” - talvez a interpretando de maneiras diferentes - formando seus pares, suas configurações, as quais vão se modificando de acordo com o andamento da melodia, conforme os interesses e as necessidades. Alguns ocupam o “centro do salão”, logo abaixo dos holofotes, outros, mais distantes, fazem seus próprios passos, observando, no entanto, aqueles que ocupam o centro, e por vezes, conseguem acompanhá-los em um ou outro movimento. Há uma interpretação coletiva sobre “baile”, apesar de cada um significá-lo a sua maneira, e não há a fixação dos sujeitos, eles se movimentam, aparecendo em diferentes *lugares*, de acordo com a melodia que é dançada.

Através de sua carta, Basílio nos permite observar a interpretação por ele dada ao movimento que observava na sociedade palmeirense, e apesar de suas intenções ao narrar, em muitos momentos ele acaba por se trair, revelando muito mais do que tinha intenção. Basílio é mais um dos dançarinos, e como tal possui uma visão parcial do processo, da sociedade, ou do baile, se nos permitirmos continuar brincando com as palavras, e ao analisarmos sua fala, buscando outros elementos que permitam ampliar nosso foco de observação, acabamos por tentar recompor, mesmo que parcialmente, todo o movimento, que vai desde a chegada daqueles que “abriram o salão”, àqueles que tentaram “criar novas melodias”, ou “novos passos de dança”, invertendo, questionando, respeitando, mantendo, enfim, usando de *estratégias* para tornar a dança agradável e lutando para modificá-la, quando possível.

Basílio salda sua dívida com o passado, e ao lembrar-se do nascimento da valsa nos permite vislumbrar alguns dos elementos que compõem seu mundo. Mesmo que distante no tempo, enquanto elemento de memória, essa representação carrega traços do que foi, ou do que deveria ter sido, e de uma sociedade em movimento, a qual forneceu os elementos que compuseram a memória de nosso operário. Não por acaso, seu nome está entre as páginas destinadas às figuras honorárias de Palmeira, no livro de Tereza Wansovicz, que tanto nos auxiliou em nossa pesquisa. Em 1992, quando esse livro foi produzido, o Beneficente ocupava

lugar reconhecido na cidade de Palmeira, e Basílio enquanto compositor de sua Valsa/Hino acabou por ter seu nome inscrito entre as figuras honorárias da cidade.

Quando escreve as linhas analisadas neste trabalho, Basílio já possuía a consciência da importância que o clube e sua valsa passaram a ter, embora não mais residisse em Palmeira, e ao evocar tais memórias é levado a reconstruir e ressignificar algumas de suas lembranças. Os caminhos percorridos por nossa análise buscaram pensar esse processo, bem como os elementos que permitiram que tais representações se construíssem, o que nos levou a buscar a formação da cidade, desde seus primeiros elementos, passando do indígena ao africano escravizado, do português ao italiano da colônia Cecília, dos imigrantes europeus àqueles que nascidos em Palmeira reivindicavam sua nacionalidade Brasileira e sua naturalidade como Palmeirense.

Todos esses sujeitos ao perceberem-se elementos de um mesmo *campo* criam laços de interdependência e passam a construir a sua *realidade*, a significar suas vidas e o papel dos sujeitos com os quais convivem, distribuindo-se na estrutura que passa a ser construída a partir da convivência, o “salão”. Àqueles que iniciaram esse processo, os quais foram os responsáveis pela formação das primeiras fazendas no local que viria a ser Palmeira, coube o *lugar* central, a outros as margens, no entanto, embora essa *configuração* seja extremamente agradável a uns, não o é para todos, levando a disputas e rearranjos, os quais inicialmente havíamos pensado enquanto consciência de classe e luta de classe, mas que após análise teórica e de conceitos, acreditamos mais adequado pensar enquanto estabelecidos e *outsiders*. A construção de uma consciência do *lugar* que seu grupo ocupa nessa sociedade fica clara através das palavras de Basílio em sua carta. O desejo por reconhecimento, organização e coesão de grupo também. A diferença econômica é notória, no entanto, com Elias somos levados a refletir que tal diferença é apenas mais um elemento na distinção entre aqueles que detêm o poder e aqueles que dele são excluídos, entre estabelecidos e *outsiders*.

O grande movimento que podemos perceber nas palavras de Basílio diz respeito a percepção de que o valor pessoal de seu grupo não seria unicamente aferido por aqueles que detinham poder político-econômico-social naquela sociedade, e em um movimento sutil ele parece iniciar uma tomada de consciência de seu valor e do valor de seu grupo. Se sua memória lhe pregou uma peça, maximizando essa consciência com o passar do tempo não podemos ter certeza,

mas sabemos que ao não aceitar a imposição feita pelo clube feminino de elite, Basílio permitia expor a esse grupo que seu poder não era mais o mesmo de outrora, ou o mesmo que eles acreditavam possuir. Embora a interdependência permanecesse, e isso fica muito claro nas palavras do operário compositor, a divisão do poder estava sendo questionada, e a exposição dos papéis ocupados por cada grupo - palavras que teriam sido ditas pela presidente do clube Magnólias - evidencia a tentativa de não alterar tal divisão.

A baila, ou seja, as configurações construídas através das relações vivas que existem dentro dessa sociedade, vai levando a convivência dos diferentes sujeitos em diferentes situações, permitindo a mudança de posição, de *lugar*, desses sujeitos em seu *imaginário social*. O outrora *outsider*, devido ao fato de ser imigrante e operário, passa a ser estabelecido após tornar-se comerciante e estabelecer boas relações com outros estabelecidos. Paulo Krambeck ilustra esse movimento.

Quando fala em Palmeirenses e Palmeirista Basílio afirma que o imigrante está entre “os de fora”, os *outsiders*, no entanto se nos recordarmos das Bandas Canelas Preta e Canelas Branca, e notarmos que Basílio fazia parte daquela integrada por imigrantes, percebemos certa contradição nessa relação. Mas como pensá-la? Em nossa análise, através das palavras de Basílio, concluímos que os Canelas Pretas apareciam enquanto estabelecidos - afinal a bandinha era formada por aqueles que nasceram em Palmeira, e reivindicavam sua tradição de Palmeirenses – e que o branco europeu, apesar de exaltado por sua origem em um período de pensamento eugênico, não recebia o título de estabelecido por ser estrangeiro, por ser “de fora”.

Talvez Basílio se sentisse menos apreciado que esses imigrantes, talvez seu sentimento fosse de perplexidade diante de tamanha valorização de alguém que havia chegado há pouco, em detrimento de sua figura, um Palmeirense de raça. Obviamente nunca saberemos quais eram seus sentimentos mais profundos, mas suas palavras nos dão boas pistas, e apesar de sua tentativa em parecer neutro e em reconstruir aquele momento narrado, com suas intenções e consequências, Basílio revela mais do que desejava, nos permitindo, ainda que superficialmente, compreender um pouco de sua maneira de significar e mais do que isso, de sentir o mundo.

Apesar de sua luta para mudar seu *lugar* dentro daquela sociedade, Basílio é um outsider, que usa como sua última estratégia a memória, na tentativa de

reorganizar as coisas como elas deveriam ter sido, de mostrar a importância que sua figura teve àquela sociedade. Através do Clube Beneficente, outros operários, assim como ele, tiveram um auxílio que não encontrariam em outro lugar, mas mais que o auxílio, encontraram através desse clube, algo que lhes permitiu a união, a coesão de um grupo outrora disperso e silencioso, ou silenciado. Esses operários se fizeram ouvir e através dessa voz, que muitas vezes sofreu com o abafamento ou a tentativa de silenciamento, conseguiram prosseguir. Essa instituição lhes deu mais que união, lazer, assistência, lhes permitiu criar um sentimento de valor de grupo, de autovalor e reconhecimento, aqueles sentimentos que Elias afirma estarem em jogo em uma relação estabelecido/*outsider*, e a partir disso lutar com mais força para modificar a relação de poder existente naquela sociedade, desafiando suas estruturas tradicionais, embora elas estivessem também enraizadas em sua concepção de mundo. Através do Beneficente aqueles barriqueiros, sapateiros e carroceiros puderam reivindicar o reconhecimento que acreditavam merecer daquela sociedade, obrigando os grupos de elite a lentamente aceitar o papel que agora ocupavam.

Se a representação de mundo apresentada pelo operário compositor é compartilhada pelos demais, é algo que não podemos afirmar com veemência, no entanto podemos afirmar que a sua representação de mundo é construída socialmente, como afirma Berger, citado na introdução. Basílio, como elemento da sociedade palmeirense em 1919, e em memória lembrando o que vivenciara naquela data, apresenta como base de sua fala uma linguagem comum, que organiza e significa os demais sujeitos daquela sociedade, e reservando um lugar especial para si mesmo em sua memória, permite que pensemos que o que foi vivido em 1919 permaneceu vivo e atuante em sua significação de mundo, mesmo muitos anos depois do ocorrido. Basílio ainda travava internamente aquela luta por valor pessoal e de grupo, que é apontada por Elias como cetro do conflito estabelecido/*outsider*, e ao menos em seu íntimo, por fim, saía vencedor, um palmeirense de raça, um operário com sensibilidade para música e poesia, alguém que sente orgulho de seu trabalho e que está na posição de classificar quem pode ser chamado de palmeirense e quem não pode, enfim, um estabelecido.

FONTES

Livro Tombo nº 1. Igreja Matriz de Palmeira. Manuscrito, Casa Paroquial de Palmeira, 07/04/1819.

Livro Ata nº 1. Câmara Municipal da Vila de Palmeira. Manuscrito, Câmara Municipal de Palmeira, 15/02/1870.

Livro nº 2 de Leis, Decretos e Portarias. Manuscrito, Prefeitura Municipal de Palmeira, 15/10/1913 - 31/12/1937.

Livro Ata nº 1. Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense. Manuscrito, Sede da Sociedade, 28/08/1910 - 07/07/1915.

Livro Ata nº 2. Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense. Manuscrito, Sede da Sociedade, 08/07/1915 – 04/09/1929.

Livro de Registro de Sócios da Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense. Manuscrito, Sede da Sociedade, 28/07/1929.

Estatutos e Regulamento Interno do Clube Palmeirense. Manuscrito, Sede do Clube Palmeirense, 26/02/1923.

Freitas, Astrogildo de. **Palmeira. Reminiscências e Tradições**. Lítero- técnica, Curitiba, 1984.

GUMY, Luiz Gastão. **Visões do Passado**. Palmeira: 2008.

KLAS, Arthur Orlando. **Recordar é Viver**: Fragmentos da História de Palmeira, Palmeira: 2000.

MOREIRA, Julio Estrella. **Freguesia da Palmeira**. Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico de Palmeira. Curitiba, 1975.

PARANÁ, **Relatórios dos Presidentes da Província do Paraná**. Curitiba: Arquivo Público do Estado do Paraná, 09/04/1878.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pela Comarca de Curitiba**. Curitiba, Fundação Cultural, 1995.

STOCKLER, Heitor. **Palmeira: Temas Regionais**. Palmeira: O Formigueiro, 1972.

WANSOVICZ, Tereza. **Memórias de Palmeira**. Vol. 2. Palmeira: Prefeitura Municipal de Palmeira. Departamento de Educação, 1992.

REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi. Vol.1. (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas: **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**, trad. Floriano Fernandes, Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **O Mundo Como Representação**. In: Estud. av. vol.5 no.11 São Paulo Jan./Abr. 1991.

DE LUCA, Tânia Regina. **O Sonho do Futuro Assegurado**. São Paulo: Contexto, 1990.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1993.

_____. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____; SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia. das Letras, 2007

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

HEINZ, Flávio M. (Org.) **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

HOLANDA, Sergio Buarque de. (org.). **História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano: Estrutura de poder e economia (1889 – 1930)**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

MELLO NETO, Candido de. **O anarquismo experimental de Giovanni Rossi**. Ponta Grossa: UEPG, 1996.

MUELLER, Helena I. **Flores aos rebeldes que falharam**. Giovanni Rossi e a utopia anarquista: Colônia Cecília. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

NEVES, Fátima Maria. Educação e Instrução na Província do Paraná. *In*: GONDRA J. & SCHNEIDER O. (Org). **Educação e Instrução nas Províncias e na Corte Imperial**. Vitória: EDUFES, 2011.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **O silêncio dos vencedores**: genealogia, classe dominante e Estado no Paraná. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

PEREIRA, M. R. M. **Semeando iras rumo ao progresso**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. *In*: Revista estudos históricos, v. 5, n.10, 1992.

RAGUSA, Helena. **A Representação do Judeu no Discurso Eugênico Brasileiro no início do Século XX (1920 - 40)**. Revista de história Regional. V.6 N.1. 2001.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**: A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SEVCENKO, N. (Coord.) **História da vida privada no Brasil**: República: da Belle Époque à Era do Rádio. 4.reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TELAROLLI JÚNIOR, Rodolpho. **Poder e Saúde**: as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

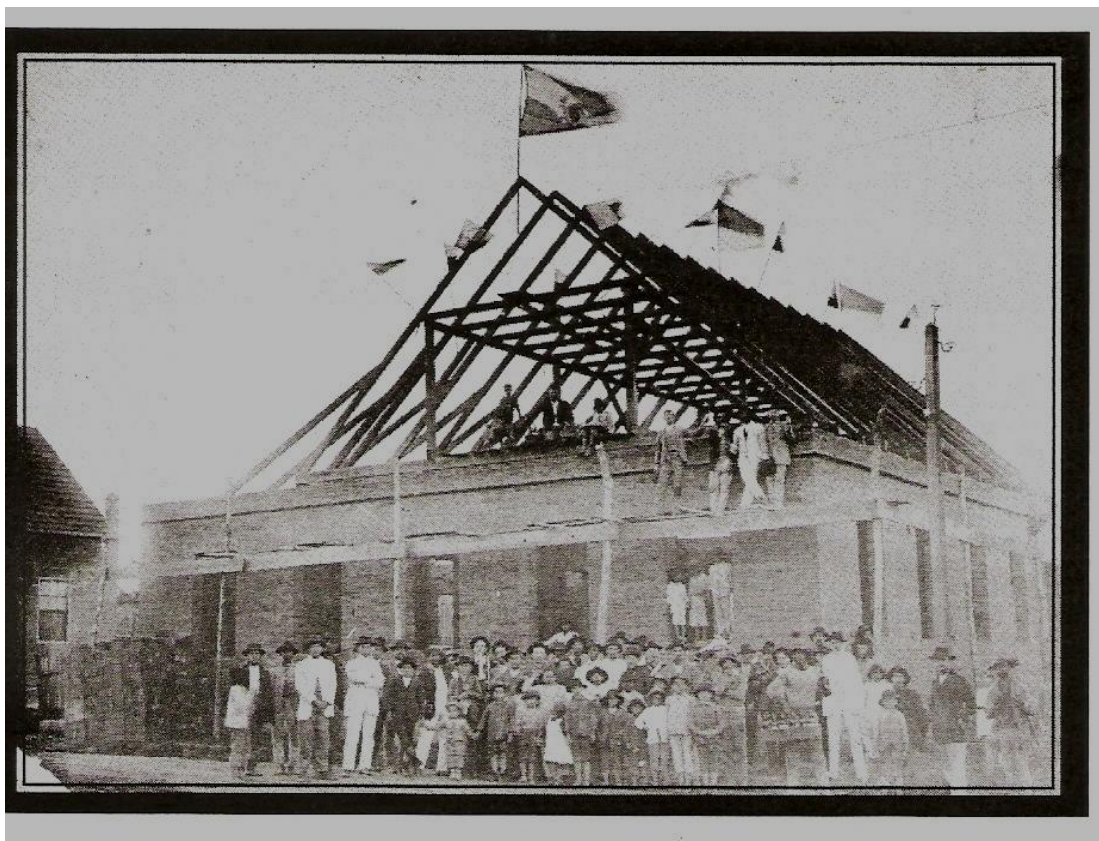
THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros** (uma crítica ao pensamento de Althusser). Trad. de W. Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. **A formação da classe operária inglesa**: A árvore da liberdade. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v.1.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WISSENBAACH, Maria Cristina Cortez. **Sonhos Africanos, Vivências Ladinhas**. Escravos e Forros em São Paulo (1850-1880). São Paulo: Hucitec, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1 - FOTOGRAFIA DA CONSTRUÇÃO DA SEDE DO CLUBE
BENEFICENTE

Fonte: KLAS, Arthur Orlando. **Recordar é Viver**: Fragmentos da História de Palmeira. Palmeira: 2000. p. 105.

ANEXO 2 – FOTOGRAFIA DO GRUPO JAZZ CONCÓRDIA



Fonte: Museu Histórico de Palmeira. Sede do Clube Beneficente, apresentação do grupo Jazz Concórdia, sem data. Em destaque Basílio de Sá Ribeiro, o autor da carta estudada nesse trabalho.

ANEXO 3 – CARTA: VIDA DE UMA VALSA “BENEFICENTE”

BASÍLIO DE SÁ RIBEIRO

No ano de 1919 na minha Palmeira, a diretoria da Sociedade Beneficente Palmeirense organizou um festival Teatral para ser levado a efeito no dia 15 de novembro. A diretoria que regia a sociedade naquele ano estava assim constituída: Presidente: Paulo Krambeck; Vice-presidente: João Frederico Berger; 1º Secretário: Severiano Vida; 2º Secretário: João Schoreder; 1º Tesoureiro: José Adriano de Freitas, o grupo dramático que tinha como diretor o inolvidável mestre José Adriano de Freitas, tinha como amadores dramáticos, Sebastião de Sá Ribeiro (Batuca) Epifânio Vida, Felipe Gomes Damasceno, Acendino Pereira, Otávio Zanardini, Luiz de Macedo Ribas, e o mestre de música Basílio de Sá (Basico) e as senhoritas Celina Vida, Maria Schon, Julia Goreski e as meninas, Laura Krambeck, Rosa Goreski, irmãs Gomes Damasceno, Laura Mello e sua irmã, as filhas do Germano Bahr, e as filhas do Luiz Haideman. Afinal era um conjunto de alegria.

Fazia parte nesse conjunto a bandinha de música dos Canelas Brancas, apelido que nos foi dado a Banda de Música do Velho Manoel Vida, que se intitulou Banda dos Canelas Pretas (assim chamada pelo fato de seus componentes serem morenos (bugres).

A Bandinha de Música Canela Branca e a Sociedade Beneficente eram coirmãs. Em todos os passos estavam unidas por laço de união social e amizade, assim eram que os festejos da Sociedade eram determinados depois de ter contratado a Bandinha, para dessa forma não prejudicar os outros serviços da Banda.

Os componentes da Bandinha estavam assim: Germano Bah, (Presidente) Carlos Ristow (tesoureiro) João Schon Jr. (secretário) e (copista) Basílio de Sá o mestre, os componentes da banda eram: Pedro Schon, José Schon, Alexandre Schon, Sebastião de Sá Ribeiro, Gumerindo Bahr, Fernando Vigand, Elpidio de Paula, José Vida, Lucidoro Catatau orador, José Batista de Souza, Jeronimo Marcondes, Henrique Margraf e Jacob Panquek.

No dia 13 de novembro unidos pelo mesmo compromisso, os amadores do grupo dramático trabalhando até altas horas da noite para os preparativos do espetáculo que devia ser levado em cena no dia 15 de novembro, uns carpinteiros,

pintores, pedreiros, e os cinografistas improvisados, a dar os últimos retoques no cenário. O mestre Basico, ensinando às meninas as músicas que estavam no programa. Nesse interim apareceu o preto João Bahia, que veio a mandado da Presidente do Grêmio das Magnólias chamar o Basico mestre de música: Os sócios da Operária estranharam aquele chamado aquelas horas, e avisaram o Basico que voltasse para fazer uns retoques em um ensaio de número musicado.

II Parte

Acompanhando o emissário fui até o Club das Magnólias atender aquele chamado, ao chegar notei grandes preparativos no salão, logo que foi anunciada a minha chegada um grupo de moças, chefiadas pela presidente, me arrodiam e a presidente falou assim:

“Seo Basico, eu mandei-lhe chamar com a certeza que o Sr. Me atendia, que é, para o Senhor, estar com sua banda de música no dia 15, às 7 horas, da noite, defrente à casa do Sr. Modesto Linhares; Nós resolvemos comemorar o dia 15 de novembro com uma grande festa às 8 horas depois que ficar bem escuro nós vamos fazer uma passeata pelas ruas da cidade com um grupo de moças fantasiadas dos 21 estados, e os homens acenderão fogos de bengala e, a sua banda na frente puxando a APOTEOSE; o Sr. avisa os seus músicos que não precisam jantar em casa, porque eu mandei preparar uma grande ceia para eles, e depois do jantar ali... às 10 horas iniciaremos o baile com uma APOTEOSE puxada por Sr. Linhares”.

Basico Sá: que ficou surpreendido com o que escutava

- Mas... Dona; logo naquele dia; dia da grande festa dos operários, e a banda já está contratada!...

A Presidente: - Isso não tem importância, o Sr. diz que não pode ir mais porque nos lhe chamamos, e a sua banda é a nossa predileta, o Senhor bem sabe;

Basico Sá: - Mas... Dona... isso seria uma ação feia para mim, deixar os operários sem música logo nos últimos dias.

A Presidente: - Qual, você não se preocupe com isso, aquela gente não tem noção de sentimento, para eles qualquer coisa serve, eles arranjam um gaiteiro e um batuque sai do mesmo jeito música é luxo, e eles não podem com o luxo não é?

Basico Sá: - Não!... Não é assim, Dona! Ali existe dignidade, decência, essa minha falta seria uma covardia, uma falta de caráter uma traição.

A Presidente: - E por que não? Com música ou com gaita eles pulam, com gravata de chinelo ou sem gravata, ou descalço, o fandango deles sai. Não perdemos mais tempo com isso, o Senhor vem pra cá, eles que se arranjam, o preço nós já sabemos. Olhe as 7 horas em casa do Seo Linhares.

Basico Sá: - Impossível, não, não praticarei uma ação tão miserável, a Senhora não gostaria que eu fizesse isso com o seu Grêmio, não?

A Presidente:- É claro... Mas... você não queria comparar o nosso Grêmio com aquela gente, aquilo lá ainda são selvagens;

Basico Sá: - A Senhora vai me desculpar mas... Para mim a única diferença que vejo entre essas Sociedades, é, que a Sociedade Operária é composta de homens do trabalho rústico, de uma vida difícil, mas honrosa e que organizam suas festinhas com um único ideal, de deleitar seus associados sem pretensão de diminuir alguém. A Senhora e sua Sociedade, para poder fazer uma festa quer por força desnortear a música que é um elemento indispensável no dia 15, lá nos Operários, a Senhora se enganou, eu também sou operário, e como eles tenho sentimento e jamais poderia deixar-me seduzir por essas pretensões de grandeza.

A Presidente: - Só isso... você parece se doer tanto por essa gente; pois pode ficar com seus Barriqueiros, Sapateiros, Carroceiros, e outros de sua laia não precisamos mais de sua música, mandaremos vir música de Ponta Grossa, e nunca mais vocês põem os pés em nosso Grêmio. Pode se retirar, você já é demais aqui.

Aquelas palavras, me feriram o coração. Um homem ser maltratado unicamente por querer cumprir com sua palavra;

Fiquei imóvel, não tinha força para me retirar daquele lugar. Parecia estar amarrado por uma fogueira infernal. Odiei a Sociedade que não tinha culpa das pretensões absurdas de sua presidente, e como um ébrio, fui andando sem mesmo saber para onde ir. Foi quando meu amigo José Adriano de Freitas, que estava esperando defronte ao Grêmio me bateu no ombro, e disse: eu sabia disso, tinha certeza que você não se deixava iludir.

Ah! Meu amigo fui ofendido, fui inchotado;... o meu amigo com as mãos no meu ombro: não ligue isso é despeito nós já temos o nosso prédio temos música temos grupo Dramático fazemos boas festinhas, e não dependemos deles, vamos lá na sociedade tomar um vermute, coragem, nós sabemos fazer as coisas que queremos, e tudo sairá bem, nosso sucesso no dia 15 pagará essa ofensa. E assim em boa palestra ficamos até as 2 horas da madrugada, eu, o José Goreski,

Chiquinho de Nho Mingo e Luiz Macedo. Como eu morava longe da cidade fui embora depois de conseguir montar a cavalo, pois já estava com o caco cheio. Rumei ao meu destino, às vezes assoviando às vezes cantando. O álcool e a mágoa aliaram-se e quase chorei, com a voz embargada pela mágoa consegui dizer;

Beneficente! Amadores do Trabalho
Beneficente a união dos homens pobres
Beneficente com a nossa união sublime
Com nossa força suplantamos
Sempre os nobres

Ao dizer esta estrofe pareceu que um raio de luz clareou minha vida e como energia com que desperta de um pesadelo terrível surrei o animal que galopou e com aquele galope fiz um segundo verso, surgiram então estas palavras:

Como é belo ouvir o hino
Da união dos Operários
Sempre, sempre cantaremos
Salve, salve o trabalho.

Com estes versos inspirados por um rústico operário, segundo os dizeres da presidente das Magnólias.

Desapareceu a raiva e brotou a vontade de não esquecer o rebento de uma inspiração, mais adiante, depois de vencer o tope da subida para descansar o animal que puxava o fôlego como cansado segui passo lento, só preocupado com a intenção de não esquecer o que tinha sido inspirado, a lua cheia com a sua luz prateada iluminava aquelas meigas florinhas silvestres que adornavam as verdadeiras campinas, aquelas flores meigas, como era lindo vê-las brilhar, o colorido daquelas florinhas, como pisca-pisca de orvalho cristalino que o sereno fez pousar sobre suas pequeninas pétalas, fez sair da garganta do operário como cantar do galo as primeiras horas da madrugada, este terceiro verso.

Hó! Como é belo
O florir dos verdes campos
Quando a união Beneficente
Seu estandarte levanta:

Vamos companheiro
Vamos sempre trabalhar
Mas... bem unidos

Para sempre triunfar.

Aquela noite foi curta para mim concluir a minha valsa, no correr do dia, com a ferramenta na mão, com o ritmo do trabalho passei cantando Beneficente, sempre Beneficente, até que segui para o ensaio da Bandinha de Música, depois de distribuir partes contei aos amigos da música o motivo daquela inspiração. Todos atentos escutavam a minha história, e com um acordo como que combinado disseram: vamos ensaiar, gostaram muito, contudo ter alguns enganos na harmonia que o amigo José Schon com sua capacidade musicista desde menino, me apontou que foi prontamente corrigido.

Depois do ensaio fomos para a Sociedade Operária e ali contei ao mestre José de Freitas, ele é que poderia julgar o que era a Valsinha.

O velho com um sorriso de contente disse: é ou não? Fazemos as coisas bonitas e boas, porque sabemos fazer. Eu então lhe adverti. Mas... o Sr. não ouviu, como sabe que é boa? É porque ontem você estava muito sentido, o sentimento auxilia a inspiração: formei a Banda e tocamos e cantei sozinho: os operários ao ouvir a palavra Beneficente aproximaram-se da música, ao terminar romperam com uma saraivada de palmas.

Fiquei muito contente a minha música tinha sido bem recebida e a alegria invadia minha alma, ao ponto de eu perdoar aquela que tanto me ofendeu, que com aquela ofensa me fez brotar tão sublime inspiração, e creiam meus amigos, perdoei-a de todo o coração.

O meu amigo José de Freitas muito contente me animou vamos encenar esta valsa para o fim do espetáculo, e com autoridade me disse complete a obra, arranje um cenário para o dia 15 se Deus quiser.

No dia 15 estava tudo ensaiadinho, levamos como final do espetáculo, a Apoteose da Valsa Beneficente, que estava assim organizada.

No fundo do palco uma longa campina, nos lados ramagens e flores naturais, no centro uma bigorna e um operário malhando ferro e as crianças em coro cantando a valsa Beneficente. Ao terminar a valsa a Banda rompeu o Hino Nacional Brasileiro, e apareceu a República Brasileira, e cobre o operário com a Bandeira de nossa pátria.

Foi um delírio o povo não cansava de bater palmas, fui muito felicitado, e ganhei um abraço do velho José de Freitas, com estas palavras: Estamos vingados!

E Deus que perdoe os despeitados. Te digo, menino! Aquela noite foi pouco para beber. E depois continuou as boas surpresas pra mim, todos os gaiteiros tocavam a minha música, em qualquer parte onde tinha um homem trabalhando assoviavam minha Valsa, os carroceiros em viagem escondidos no poda estrada, balbuciavam Beneficente, as lavadeiras com o ritmo dos batidos na taboa de lavar cantavam Beneficente, enfim, em toda parte eu escutava aquela melodia agradável. Eu tinha a impressão que até o gorjear das aves nos quintais dos colonos e nos campos, eles cantavam Beneficente! E depois de muitos anos, isto é, quando a sociedade completou 25 anos de sua fundação, ressurgiu como que por encanto a Valsa Beneficente para recordar os velhos sócios já falecidos, e como que dizendo aos vivos: volta! Vem cantar com a mocidade que conserva sua tradição, e grande respeito. Os fundadores pela grande iniciativa, tornaram-se imortais na nossa terra de Palmeira.

Agora no dia 28 de agosto ao soar 24 horas nota-se uma coisa bonita, rompe a Valsa Beneficente os velhos recordam-se e saem dançando, os forasteiros admirados, oba! A velharada dançando! Logo uma Valsa! É com orgulho diz um dos sócios, é a Valsa Beneficente, é música da Sociedade! Todos devem cantar e dançar, é uma recordação do princípio desta Sociedade.

E a mocidade Palmeirense se expande no salão com que auxiliando os velhos a matar aquela saudade que acalenta um sonho que já passou, e os velhos que não podem mais dançar com as pernas, dançam com o coração fazendo o passo com a saudade.

Se a história desta Valsa ficasse desconhecida, vocês não saberiam que foi fundada essa sociedade, e com pressão foi conquistado esse lugar. Os pedreiros, carpinteiros, ferreiros, barriqueiros, sapateiros e carroceiros com seu esforço e boa vontade, se uniram e ali está, o que se pode dizer, um orgulho para Palmeira.

Escutem meus amigos, nos remotos tempos de Palmeira a formação de uma sociedade era a coisa mais difícil, criaram sociedades que se quebrou com dinheiro em caixa, isto é, no tempo de Palmeira só de Palmeirenses, mas, logo que a mão da providência enviou para Palmeira os Palmeiristas a coisa foi mudando e já começou a união e assim é que a muito custo pode-se retirar o pessimismo do “não vai”, é como dizem os nossos antepassados. Me refiro neste progresso aos descendentes de europeus que para felicidade de Palmeira foram abordar em nossa terra descendente de alemão, italianos, polacos, russos, que com um bom sentimento se

congregaram com os Palmeirenses de boa vontade e conseguiram dar exemplo que até então era desconhecido, em Palmeira, a União faz a Força. Nesses princípios foi que o benemérito Palmeirista Paulo Krambek baseou-se e conseguiu com sua vontade e amor reunir um pugilo de Palmeirenses e fundou a Sociedade Operária Beneficente, a ele devemos esse grande empreendimento só a ele devemos essa união que hoje contamos com orgulho, eu como um Palmeirense de raça orgulho-me de apertar a mão de Paulo Krambek, porque reconheço um verdadeiro brasileiro pelo bem que fez a minha terra.

E assim como é a Beneficente deveria ser todo o mundo igualdade e fraternidade. Ali, não tem maior, todos são iguais obedecendo a lei de Deus. Deus o único poder superior que nos dá vida, saúde e inteligência para aprendermos a fazer tudo o que é bom para o mundo, também nos dá o direito de viver igual a todos, mas, para isso sempre o nosso lema deve ser união, respeito e trabalho. Com essa harmonia temos o exemplo de nossa Sociedade, que embora sofresse grande inveja e pressão dos antigos burgueses, venceu, e ali está para o orgulho e a esperança do Operário de Palmeira.

Depois do grande exemplo que a nossa Sociedade deu a Palmeira, aviventou as outras classes a tomarem o mesmo caminho, logo surgiu o Grêmio das Magnólias, o Palmeirense a Club Democrático Fott Bal Club, hoje Ipiranga, e depois os Violetas. Já vêem meus amigos, quantos benefícios deu a Palmeira a criação de nossa Sociedade! Assim sempre devemos cantar;

Sempre Sempre unidos
Para sempre triunfar.

Eu, como um dos mais humildes operários orgulho-me e dou graças a Deus, por ter a felicidade de compor esta Valsa que já faz parte da Vida daquela Sociedade, Valsa que quando chega a meia noite do 28 de agosto, ela soa nos salões da Beneficente, como um hino de Esperança, a espargir felicidade e alegria aos Operários de minha terra.

E já bem velho, distante dos meus pagos ao ouvir as badaladas da meia noite, falo ao meu coração, baixinho, digo-lhe: Em palmeira estão dançando a nossa Valsa, a Valsa Beneficente. E assim peço a Deus que seja o meu fim sempre com a Palmeira “DENTRO DO MEU CORAÇÃO”